

A LIAHONA

OUTUBRO DE 1987



A LIAHONA

Outubro de 1987 Volume 40 n° 10
PBMA8710PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore, Derek A. Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "Que a Obra Se Inicie", pintura de Clark Kelley Price mostrando a chegada de Élder Joseph H. Dean e sua esposa, como missionários em Samoa, em 1888. Ver "Areia, Mar e a Rede do Evangelho", neste número!

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz\$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: **US\$ 5,00**; aérea, **US\$ 10,00**. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz\$ 10,00**.

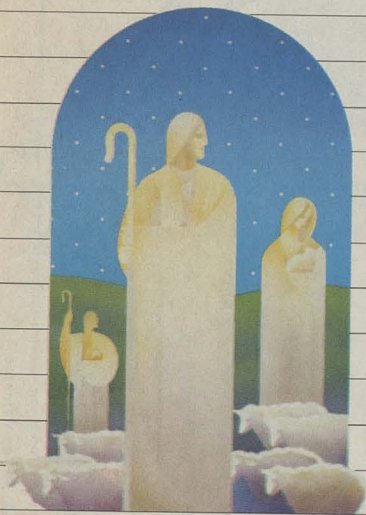
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimestralmente em indonêsio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

	34	IGOR E VESNA GROUPMAN	
		DeLynn Decker	
2		MENSAGEM DA PRIMEIRA	
		PRESIDÊNCIA: PAGA TUA DÍVIDA E	37
		VIVE Presidente Ezra Taft Benson	MENSAGEM MÓRMON
		ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS	
6		MENSAGEM DAS PROFESSORAS	
		VISITANTES: ESTAR DISPOSTA A	38
		CHORAR COM OS QUE CHORAM	SEUS AMIGOS Chris Crowe
7		ÉLDER JAMES E. FAUST	42
		Élder Wm. Grant Bangerter	MÚSICA NA NOITE
			Lisa A. Johnson
14		AREIA, MAR E A REDE DO	46
		EVANGELHO: A ARTE DE CLARK	A ARANHA David Brinley
		KELLEY PRICE	47
			COMO APRENDER A TER FÉ Sian Bessey
18		À PROCURA DE MEUS ANTEPASSADOS	SEÇÃO INFANTIL
		NEGROS Carol Batey	
			2
			JESUS ENSINA A RESPEITO DA FÉ
19		TEMPO REGULAR Lindsay R. Curtis	
			4
			UMA CAMISA PARA AUBOO
22		PARA QUE SERVE O	
		SOFRIMENTO Sandra F. Strange	Seletha Brown
			6
			QUEM É ESTE PROFETA?
26		CONTINUAREIS A MINISTRAR	
		Élder Neal A. Maxwell	Jennavee Allgrunn
			7
			O QUE VOCÊ FARIA?
28		DADO LIBERALMENTE:	
		WALTER STOVER — UMA LENDA DE	8
		GENEROSIDADE Melvin Leavitt	SÓ PARA DIVERTIR
31		A BÊNÇÃO DE VOVÓ Kirk F. Hazen	
32		UM MISSIONÁRIO RECÉM-NASCIDO	
		Susan M. Freeborn	
33		O ESPÍRITO MUDOU O ASSUNTO	
		Julian C. Lowe	





MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

“PAGA TUA DÍVIDA E VIVE”

Presidente Ezra Taft Benson

No livro de Reis, lemos a respeito de certa mulher que, chorando, procurou o Profeta Eliseu. Seu marido havia morrido e tinham uma dívida que ela não podia pagar. O credor estava a caminho, a fim de tomar seus dois filhos e vendê-los como escravos.

Por meio de um milagre, Eliseu possibilitou-lhe adquirir um amplo suprimento de óleo. E depois lhe disse: “Vai, vende o azeite, e paga a tua dívida; e tu e teus filhos vivei do resto.” (Ver II Reis 4:1-7.)

“Paga tua dívida e vive!” Quão proveitosas têm sido tais palavras! Que sábio conselho para nós, hoje!

Em todas as épocas, homens sábios têm insistido repetidamente “a prudência de nos livrarmos das dívidas. Em *Hamlet*, Shakespeare coloca nos lábios de um de seus personagens estas palavras: “Não tomes por empréstimo e tampouco emprestes, que o empréstimo nos faz perder dinheiro e amigos...” (Ato 1, cena 3, linhas 75-76.)

Outros escreveram:

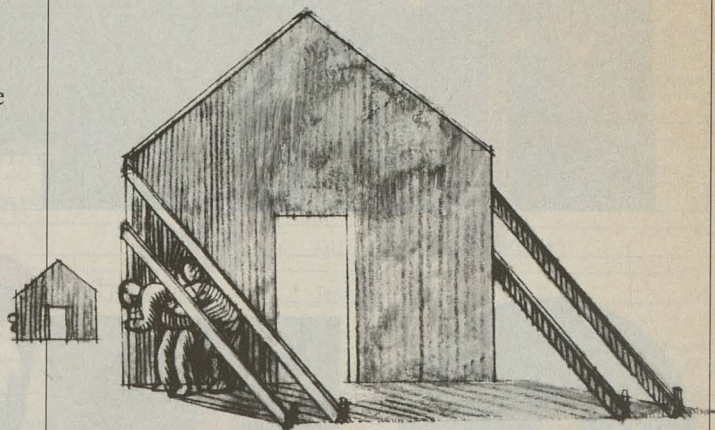
“A pobreza é difícil, mas a dívida é horrível.”
(Charles Haddon Spurgeon.)

“Pensai no que fazeis quando contraís dívidas; dais a outro poder sobre vossa liberdade.”
(Benjamim Franklin.)

Princípios da Verdade Jamais Se Modificam

Os tempos mudaram desde a época de Benjamin Franklin, mas os princípios de verdade e sabedoria não. Nossos inspirados líderes sempre insistiram em que nos livrássemos das dívidas, que vivamos de acordo com nossas posses.

TODOS NÓS TEMOS A TENDÊNCIA DE ACOMPANHAR O RITMO DE NOSSOS VIZINHOS.



Nossos próprios antepassados pioneiros legaram-nos uma herança de economia, de poupança, sem dívidas. Certamente eles nos aconselhariam hoje: "Paga tua dívida e vive."

Muita gente, sentindo-se segura pela garantia de um emprego estável, e pelo fluxo contínuo de ganhos e salários, entrega-se a uma orgia de compras, comprometendo seus salários futuros, sem pensar no que fariam, se perdessem o emprego ou deixassem de ganhar por alguma outra razão.

Um ponto de preocupação ainda mais profundo e maior é o aumento do materialismo, em contraste com um compromisso em relação aos valores espirituais. Todos nós temos a tendência de acompanhar o ritmo de nossos vizinhos, mesmo que nosso salário seja baixo. Infelizmente, há muita gente que parece viver dessa maneira.

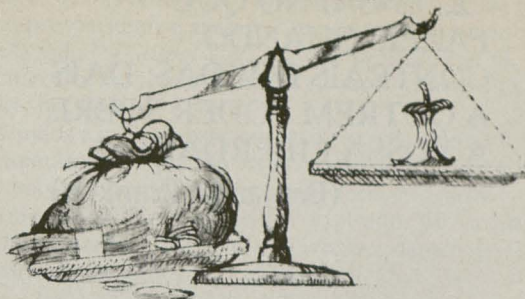
Em última análise, é mais fácil viver dentro de nossa renda e resistir à tentação de diminuir nossas reservas futuras, exceto em casos de necessidade, mas nunca com coisas supérfluas. Não é justo para com o próprio eu e nossa sociedade sermos tão irresponsáveis com nossas despesas que, no dia em que deixarmos de ganhar, precisaremos procurar assistência financeira da Igreja ou do governo.

Comprai de Acordo com Vossos Meios

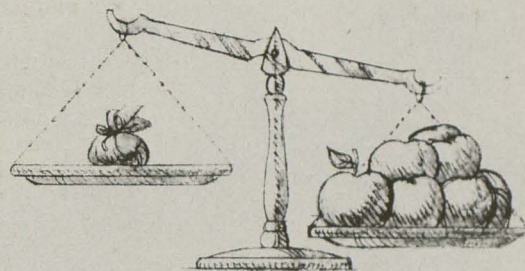
Não vos comprometais, peço-vos solenemente, a pagar juros que em geral são extremamente altos. Economizai agora e comprai mais tarde, e estareis em condições muito melhores. Não pagando juros, podereis economizar esse dinheiro, tendo talvez, mais tarde, ocasião de comprar a mesma coisa a vista, com desconto substancial.

Ao contraídes uma dívida para atender às necessidades básicas da vida — como comprar uma casa — im-

NÃO PAGANDO JUROS
PODEREIS ECONOMIZAR.

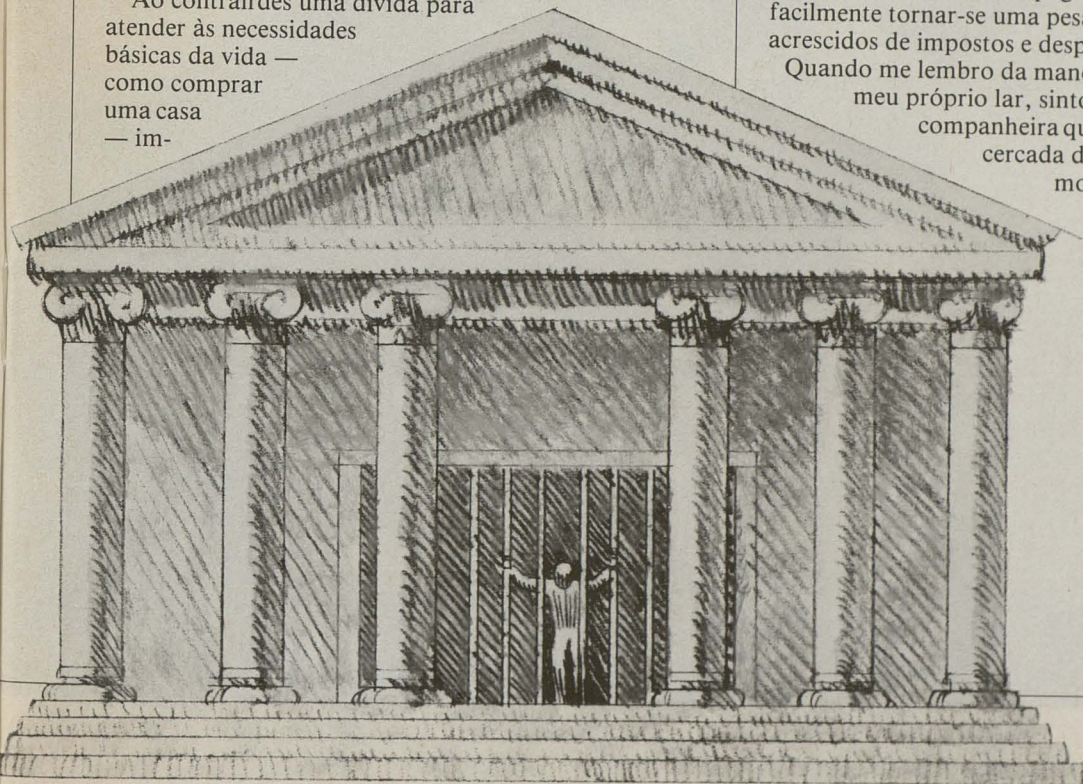


ECONOMIZAI AGORA E COMPRAI MAIS
TARDE À VISTA COM DESCONTOS.



ploro-vos que considereis vossa condição financeira e também vossa felicidade, comprando dentro de vossas possibilidades e utilizando o crédito com sabedoria. Resisti à tentação de comprar uma propriedade muito mais pretensiosa ou com muito mais espaço do que realmente necessitais. O pagamento de juros pode facilmente tornar-se uma pesada carga, quando acrescidos de impostos e despesas de manutenção.

Quando me lembro da maneira como estabeleci meu próprio lar, sinto-me grato por uma companheira que, embora tivesse crescido cercada de todo conforto, mostrou-se pronta a começar humildemente.



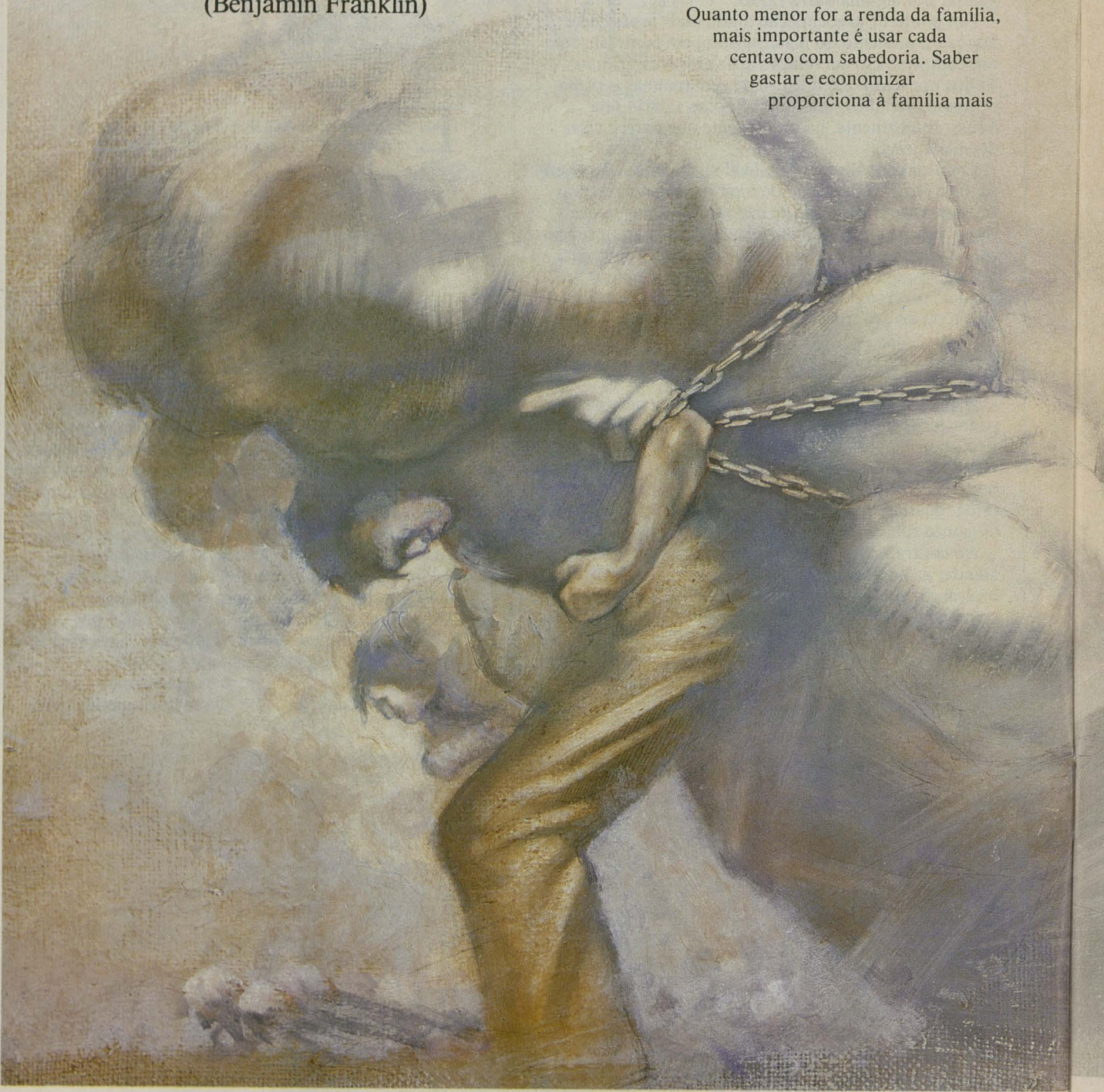
PENSAI NO QUE
FAZEIS QUANDO
CONTRAÍS DÍVIDAS; DAIS
A OUTREM PODER SOBRE
A VOSSA LIBERDADE.”

(Benjamin Franklin)

Não deixeis a vós próprios e às vossas famílias desprotegidos das dificuldades financeiras. Eliminaí o supérfluo, pelo menos por enquanto, a fim de formar uma poupança. Quanta sabedoria há em se providenciar a futura educação dos filhos e um modo de nos mantermos na velhice!

Rogai ao Senhor

Quanto menor for a renda da família, mais importante é usar cada centavo com sabedoria. Saber gastar e economizar proporciona à família mais



segurança, mais oportunidades, mais educação e um padrão mais elevado de vida. Sempre que possível, aceleremos o pagamento de hipotecas e reservemos provisões para educação, possíveis períodos de menor poder aquisitivo, e qualquer emergência futura.

Cuidado, e consumo com equilíbrio é o relacionamento adequado do homem com a riqueza material.

Clamai ao Senhor, pedindo-lhe forças para seguirdes os conselhos dos oráculos de Deus. O Profeta Amuleque aconselhava: “Rogai-lhe que favoreça as colheitas de vossos campos, para poderdes prosperar. Rogai-lhe que proteja os vossos rebanhos, para que aumentem.” (Alma 34:24-25.)

Gostaria de acrescentar às palavras de Amuleque: Rogai ao Senhor a respeito de vossas dívidas, para que possais saldá-las. Rogai ao Senhor para que vos conceda fé para vos livrardes de débitos, para viverdes dentro de vossas possibilidades. Sim, “paga tua dívida e vive”!

Meus irmãos e irmãs, acatemos os conselhos da liderança da Igreja. Livremo-nos das dívidas!

Paguemos primeiro o dízimo, nossas obrigações para com o Pai Celestial. Então será mais fácil pagar o que devemos aos nossos semelhantes. Sigamos o conselho do Presidente Brigham Young, que nos alertou: “Pagai vossas dívidas;... não vos endivideis mais... Sede dispostos a tudo, especialmente a saldar vossos débitos.” (*Discursos de Brigham Young*, p. 304.)

E o Presidente Joseph F. Smith acrescentou: “Em tempos de prosperidade... saldai vossos débitos... Se desejardes prosperar, e ser... um povo livre, em primeiro lugar, saldai vossos justos compromissos com Deus, e depois pagai... a vossos semelhantes.” (*Doutrina do Evangelho*, p. 236.)

O Presidente Heber J. Grant aconselhou: “O dízimo é uma lei do Senhor... Sede honestos para com o Senhor e eu prometo (aos santos dos últimos dias) que paz, prosperidade e sucesso financeiro terão lugar em vossa vida.” (*Gospel Standards*, compilado por G. Homer Durham, Salt Lake City: Improvement Era, 1941, pp. 60-61.)

Irmãos e irmãs, nosso coração se enche de paz e contentamento, quando vivemos de acordo com nossos recursos. Conceda-nos Deus sabedoria e fé para darmos ouvidos aos conselhos inspirados do sacerdócio de nos livrarmos das dívidas, vivermos dentro de nossas possibilidades, ou seja, “paga tua dívida e vive”. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Como santos dos últimos dias, sempre fomos aconselhados a não contrair dívidas, a viver de acordo com nosso salário.

2. Se precisarmos contrair dívidas para atender às necessidades razoáveis da vida, devemos comprar de acordo com nossos meios, jamais assumindo compromissos acima de nossas posses.

3. Não devemos ficar ou permitir que nossa família fique desprotegida das dificuldades financeiras.

4. Oremos a fim de poder pagar nossas dívidas, viver de acordo com nossas posses e pagar imediatamente aquilo que compramos.

Auxílios para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito do conselho “paga tua dívida e vive”.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há uma mensagem do bispo ou do líder do quorum?

“ESTAR DISPOSTA A CHORAR COM OS QUE CHORAM”

Objetivo: Compreender nossa responsabilidade de sermos úteis às pessoas com necessidades especiais.

Recentemente, uma mulher teve um grande choque com a notícia da morte de sua irmã, num acidente de automóvel. Não houvera preparação para essa perda. Em sua dor e mágoa, nos meses subseqüentes, ela escreveu: “A dor ainda me tortura, deixando-me inútil. Se alguém me permitisse falar sobre minha irmã por algumas horas, acho que me sentiria melhor. Todos procuram dizer-me alguma coisa que me faça sentir melhor, mas ninguém quer ouvir-me.”

Há muitos tipos de perdas. Pais morrem, filhos abandonam a Igreja, maridos ou esposas abandonam a família, amigos ou familiares recebem um diagnóstico de moléstia incurável ou debilitante, pessoas perdem o emprego ou tornam-se escravas de maus hábitos.

Muitos de nós gostaríamos de ajudar, mas quase sempre nos julgamos inadaptados. Assim, evitamos externar nossa simpatia pessoal. Por alguma razão, sentimos vergonha de demonstrar emoções profundas ou de ficar perto de alguém que está demonstrando uma emoção muito forte.

O Espírito pode guiar-nos mostrando-nos como consolar o sofredor. Algumas pessoas desejam falar sobre seus sentimentos. Outras necessitam de alguém que converse com elas. Algumas querem visitas; outras preferem a solidão. Eis algumas diretrizes:

1. Não diga: “Sei exatamente como se sente.” Tal afirmação jamais é verdadeira, mesmo que tenhamos sofrido uma perda semelhante. É muito melhor estar pronta para ouvir como a pessoa *realmente* se sente, ou permanecer em silêncio, se essa pessoa prefere enfrentar a dor sozinha.

2. Somos também tentados a dizer aos que estão sofrendo: “Não fique assim. Tenha fé. Tudo vai dar certo.” Naturalmente devemos ter fé em que tudo vai dar certo. O Presidente Spencer W. Kimball afirmou: “Quando olharmos para trás, do ponto de vista vantajoso do futuro, ficaremos satisfeitos com muitos acontecimentos desta vida que nos pareceram ser de difícil compreensão.” (Discurso proferido na

Universidade Brigham Young, em 6 de dezembro de 1955, citado em Edward W. Kimball, editor, *The Teachings of Spencer W. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 37.) Mas ter fé em que tudo acabará bem, não afasta a necessidade de nos lamentarmos. Até mesmo Jesus, com sua fé perfeita, chorou quando soube da morte de Lázaro. (Ver João 11:35-36.)

3. Devemos também entender que sentimentos de culpa acompanham a dor, lembranças de coisas ditas e feitas das quais a pessoa se arrepende. A culpa só tem utilidade quando nos leva ao arrependimento. Embora talvez não possamos compensar alguém que partiu da mortalidade, podemos modificar nossa atitude e planejar melhores relacionamentos eternos.

4. Faça alguma coisa, embora talvez não saiba o que fazer. Providencie uma refeição. Cuide das crianças. Ouça. Ore. Ore novamente. Certa irmã que perdeu o marido, ficou muito grata à tímida vizinha que, embora não a conhecesse muito bem, lhe fez companhia a noite inteira e a maior parte do dia seguinte, até que a filha chegasse. “Ela não disse muita coisa, apenas ficou comigo. Senti-me tão grata, teria sido terrível ficar sozinha.”

No convênio batismal, prometemos estar “dispostos a carregar mutuamente o peso de (nossas) cargas”. (Mosiah 18:8.) É o mesmo que disse o Apóstolo Paulo: “Exortai-vos (consolai-vos) uns aos outros, e edificai-vos uns aos outros.” (I Tessalonicenses 5:11.) □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Debata como ajudar e consolar uma pessoa necessitada.

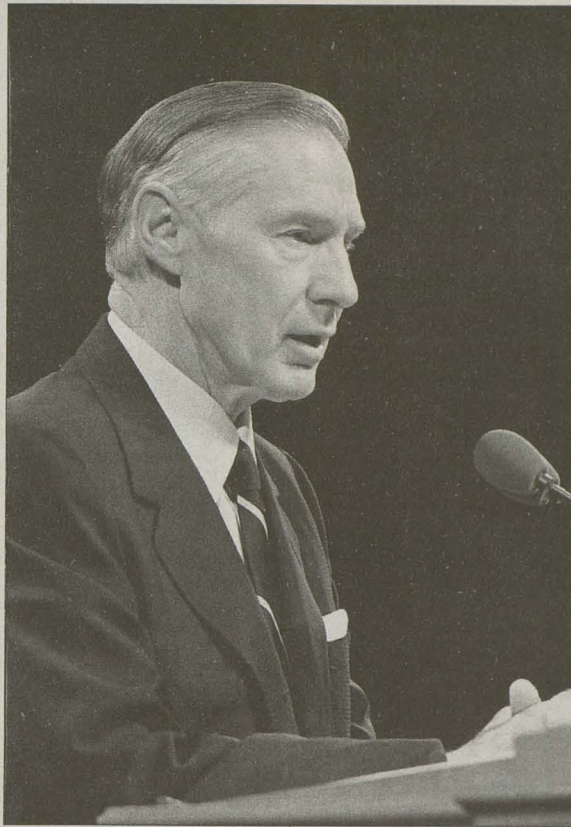
2. O que fez o Salvador para consolar os que procuravam sua ajuda? Como podemos seguir seu exemplo?

Vide material suplementar em *Noite Familiar — Livro de Recursos*, pp. 106-108.

COMPARTILHANDO SEU AMOR AO SENHOR

ÉLDER JAMES E. FAUST

Élder William Grant Bangert
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Em 1940, o Élder James E. Faust e eu éramos companheiros de missão na cidade de Curitiba, no sul do Brasil. Vivíamos num quarto situado em cima de um restaurante de esquina, numa praça chamada Zacarias.

No dia em que o Élder Faust e eu nos tornamos companheiros, fizemos um acordo de que estaríamos entre os líderes da missão, em nosso compromisso de trabalho. Como naquela época seu conhecimento de português era limitado, tomei a iniciativa em nosso primeiro dia na rua. Como era costume, bati palmas no portão de várias casas, explicando brevemente nosso propósito às pessoas que nos atendiam. Não obtendo qualquer sucesso, anunciei ao meu companheiro que

chegara a vez *dele*.

Quando o Élder Faust bateu palmas para chamar alguém da casa seguinte, virei as costas para enfatizar que o contato era todo dele. Quando me voltei, ele estava portão a dentro, falando em inglês com uma mulher na janela. Era a família Dedo-Valeixo, que logo foi batizada na Igreja. Eles foram os primeiros dos mais de dez mil santos dos últimos dias, atualmente naquela cidade. Numa época em que a média para um missionário, no Brasil, era conseguir uma conversão durante dois anos e meio de trabalho, o Élder Faust teve sucesso em seu primeiro contato.

Desde aí, James E. Faust continua a tocar e abençoar a vida de muita gente. Sua própria vida é um reflexo do

amor ao Salvador que ele sentia quando criança e quando jovem, e que agora sente como membro do Quorum dos Doze Apóstolos.

“Acho que Sou Apenas um Crente”

Descendente de pioneiros, ele nasceu em Delta, Utah, a 31 de julho de 1920, filho de George A. e Amy Finlinson Faust. “Minha mãe amava as escrituras, especialmente o Livro de Mórmon”, diz ele. “Gostaria de saber tanto sobre o Livro de Mórmon quanto ela. Ainda não cheguei lá, mas espero chegar; isto é uma meta pessoal. Posso agradecer-lhe o testemunho que adquiri quando ainda bem pequeno. Não me lembro de uma época em que não tivesse um testemunho, um testemunho pessoal.”

Tendo crescido amando o Salvador, o Élder Faust comenta que foi fácil acreditar no Senhor e em sua igreja. “Gosto de pagar o dízimo. Não foi difícil aceitar os conselhos e ensinamentos dos líderes do sacerdócio.” Ele sorri: “Acho que sou apenas um crente.”

Seu pai mudou-se com a família para o Vale do Lago Salgado, onde trabalhou como advogado e juiz da corte distrital. Embora George Faust fosse um juiz atarefado e membro do bispado, “passava muito tempo conosco, apoiando nossas atividades esportivas. Nunca perdeu uma competição em que um de nós

participasse.”

Com tanto incentivo em casa, Jim Faust destacou-se no curso secundário tanto no futebol americano como em atletismo, e em atletismo na faculdade. “Gostávamos de esportes. Era uma boa disciplina.”

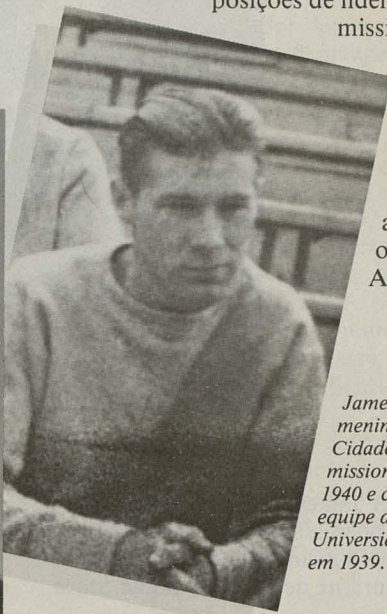
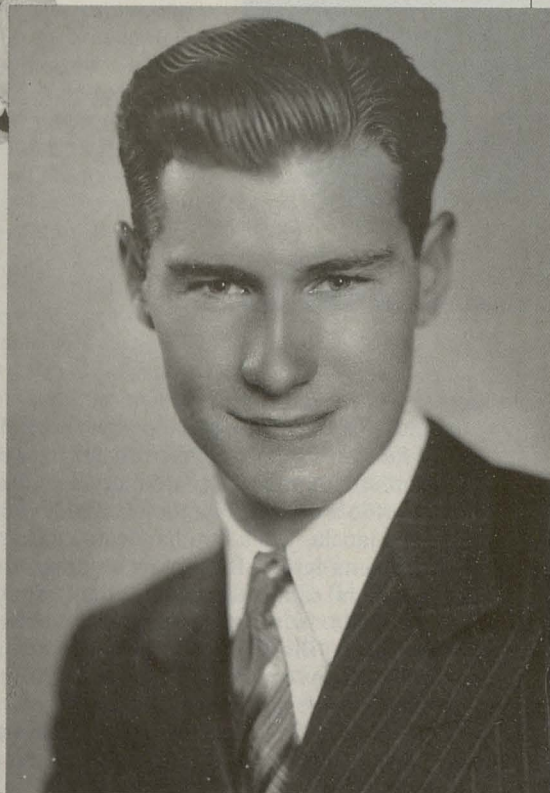
“O Tempo Mais Produtivo de Minha Vida”

Ele aprendeu disciplina de outras formas também. Os pais ensinaram-no a trabalhar arduamente e a ter responsabilidades nas tarefas domésticas. “A vaca precisava ser ordenhada todos os dias, mesmo no Natal, aos domingos e aniversários. E as galinhas também precisavam ser tratadas.”

Depois de graduar-se no curso secundário e frequentar a Universidade de Utah durante dois anos, Jim Faust foi chamado para cumprir missão no Brasil, em 1939. Conversando sobre nossas missões, o Élder Faust comentou que “nós não realizamos muita coisa, além das mudanças em nós mesmos. Sinto que aquele foi um dos tempos mais produtivos e valiosos de minha vida.” Na verdade, sua missão foi uma época de crescimento e amadurecimento espiritual. Aperfeiçoou-se no português, além de aprender a falar alemão, língua da maioria dos membros da Igreja no Brasil, naquela época. Presidiu os santos locais como presidente de distrito, e também foi chamado para posições de liderança entre os missionários.

Em 1975, quase trinta e cinco anos após sua missão, o Élder Faust voltava ao Brasil como assistente dos Doze, a fim de presidir a obra da Igreja na América do Sul.

James E. Faust quando menino foi criado na Cidade do Lago Salgado; missionário no Brasil em 1940 e como membro da equipe de atletismo da Universidade de Utah em 1939.



“M EUS SENTIMENTOS POR ESTA OBRA EXCEDEM A PRÓPRIA VIDA. CHEGA UMA ÉPOCA EM QUE O TESTEMUNHO SE TORNA MAIS DO QUE UMA CRENÇA — TORNA-SE PARTE DE UM CONHECIMENTO SEGURO.”

James E. Faust



Do ponto de vista de batismo de conversos, essa segunda missão foi, naturalmente, muito mais produtiva. "Sou grato ao Senhor por ter-me dado outra oportunidade de servir lá," diz ele. "É espantoso e me traz grande satisfação pessoal ver como o Senhor abençoou esses povos e países, onde a obra foi tão difícil no início."

Do Serviço Missionário para o Serviço Militar

Enquanto o missionário de vinte e um anos de idade estava pregando o evangelho da paz, sua terra natal envolveu-se numa guerra mundial. Sua partida do Brasil foi adiada por vários meses, porque não havia maneira de voltar para casa. Seis semanas depois da volta, ele foi convocado para o serviço militar e designado para a Força Aérea.

Como ex-missionário, levava muitas vantagens sobre o soldado comum, em matéria de experiência, conhecimento de línguas, educação prática e capacidade de liderança. Qualificou-se para o curso de oficial e graduou-se com honra na divisão de serviço de inteligência convivendo com outros

Jim e Ruth Faust casaram-se durante uma licença de dez dias do serviço militar. Os Faust exibem o resultado de um grande dia de pescaria nos primeiros anos de seu casamento.



oficiais, pessoas com aspirações e valores sólidos, aprendeu a apreciar aqueles que não eram membros da Igreja, e desenvolveu seus atributos naturais de benevolência, tolerância e compreensão.

Nesse ínterim, ele reencontrou Ruth Wright, sua colega de escola. Durante uma licença de dez dias da escola de treinamento de oficiais, eles se casaram no Templo de Lago Salgado, a 21 de abril de 1943. O jovem casal comprou um carro usado para que pudessem viajar juntos em suas designações da Força Aérea, e assim Ruth ficava com ele tanto quanto possível. Em muitas bases militares eles eram os únicos membros da Igreja com um carro, e o enchiam de gente para levar o maior número possível de pessoas às reuniões.

Depois, Jim foi designado para servir além-mar, em lugares como Nova Zelândia, Austrália, Tasmânia e Egito. O único santo dos últimos dias num navio militar, durante três meses, todos os domingos ele adorava o Senhor sozinho. "As pessoas podem receber grande força espiritual, mesmo estando sozinhas", diz ele. "Se fizerem as orações diariamente, pagarem o dízimo e procurarem lembrar-se o melhor possível do Dia do Senhor, o Espírito estará com elas e as abençoará ricamente. E será uma grande força e conforto."

Adiada a Vida Normal?

Depois de três anos no serviço militar, Jim não estava certo de desejar adiar uma vida normal, voltando para a escola. Já se haviam passado quase seis anos, desde que saíra da universidade para a missão. Contudo, incentivado pelo pai, voltou a estudar e

Elder Faust como presidente de estaca. A família Faust em 1974: "Quando temos momentos livres, a família é nossa prioridade".



bacharelou-se em Direito na Universidade de Utah, em 1948.

Durante os vinte e quatro anos seguintes, James E. Faust advogou na Cidade do Lago Salgado, e alcançou destaque em sua profissão. “Encontrei muitas satisfações em minha vida profissional”, diz ele. “Sempre afirmo aos meus três filhos, todos eles advogados, que, se tivesse de fazer tudo de novo, eu o faria do mesmo jeito.”

O que tornou o exercício da advocacia uma coisa tão compensadora? “Resolver problemas e acertar as coisas”, responde ele. Preocupava-se genuinamente com as pessoas com as quais trabalhava, e seus clientes percebiam esse interesse. Segundo Marcos, seu filho, “ele inculuiu em nós a idéia de que as pessoas são mais importantes do que as coisas e que precisamos lembrar-nos disso em nossa própria vida profissional”.

“Uma Oportunidade de Ver Vidas Sendo Mudadas”

Pensando nos muitos anos de serviço dedicados à Igreja, incluindo o chamado de bispo (aos 28 anos), presidente da Estaca de Cottonwood Salt Lake (aos 35 anos), e Representante Regional, muitas pessoas e experiências maravilhosas lhe vêm à mente. “Foram grandes chamados, porque me fizeram estar perto das pessoas. Você tem oportunidade de observar vidas



sendo mudadas, de auxiliar os outros em seus desafios e problemas. Se pudesse começar de novo, acho que me preocuparia menos com relatórios, papelada e reuniões, e me envolveria ainda mais na vida das pessoas.”

Ao longo do caminho, em todos os lugares que estiveram, durante sua missão, no serviço militar, em suas associações profissionais e várias designações da Igreja, Jim e Ruth Faust fizeram muitos amigos. O Élder Faust atribui grande parte desse sucesso à sua esposa Ruth. “Ela tem um amor imenso às pessoas, é muito calorosa e expansiva”, conta ele. “Ela me ajuda a não ignorar o que não deve ser ignorado.”

Na verdade, Ruth Faust é um exemplo vivo de felicidade, retidão, estabilidade emocional e devoção a princípios eternos. Quando as mulheres falam sobre auto-realização, deveriam tomá-la como exemplo. É uma pessoa completa, uma mulher cristã destituída de egoísmo. Recentemente solicitaram ao Élder Faust que rememorasse um momento em que se sentiu muito orgulhoso de Ruth. Ele respondeu: “Isto acontece todos os dias!” E depois acrescentou: “Ela é uma esposa esplêndida, e nenhum filho no mundo teve mãe melhor. Não lhe é fácil falar em público, mas tem-se esforçado e o Senhor sempre a abençoa. Admiro como se submete ao Espírito, de modo que o Senhor possa atuar em sua vida e refletir-se em suas obras, assim como nas mensagens que transmite quando fala.”

Perto da Família

Quando o casal Faust morou no Brasil, onde ele serviu como supervisor de Área da América do Sul, de 1975 a 1977, Ruth, no início, não falava português. Mas isso não fazia diferença. Ela se comunicava através do amor e da luz radiante de sua natureza amigável. Quando minha esposa e eu os seguimos nessa designação, percebemos que eles haviam conquistado o coração do povo.

Nos primeiros quatro anos de seu casamento, o casal Faust não teve filhos. Mas depois de muita oração, jejum e preocupação, além de uma bênção do sacerdócio, foram abençoados com seu primeiro bebê. Seus cinco filhos nasceram nos dez anos seguintes. Todos estão casados, e o Élder e Irmã Faust têm dezoito netos.

Mesmo com as enormes responsabilidades em outros lugares, James Faust adquiriu o hábito de permanecer perto de sua família. “Tenho procurado ficar em casa”, diz ele. “Procuro maneiras de envolver-me na vida de nossos filhos e netos. Esta é minha prioridade.”

Quando as crianças estavam crescendo, muitas vezes ficavam sozinhas com os pais, enquanto dobravam roupas lavadas, trabalhavam no jardim, faziam compras, sentavam-se no colo do pai à noite ou eram postas na cama.

Os esforços de Jim e Ruth como pais produziram grandes benefícios: “Meus filhos tornaram-se meus melhores amigos, de alguma forma”, diz ele. A Irmã Faust concorda. “Quando temos momentos livres, a família é nossa prioridade.”

Uma Experiência Familiar Sagrada

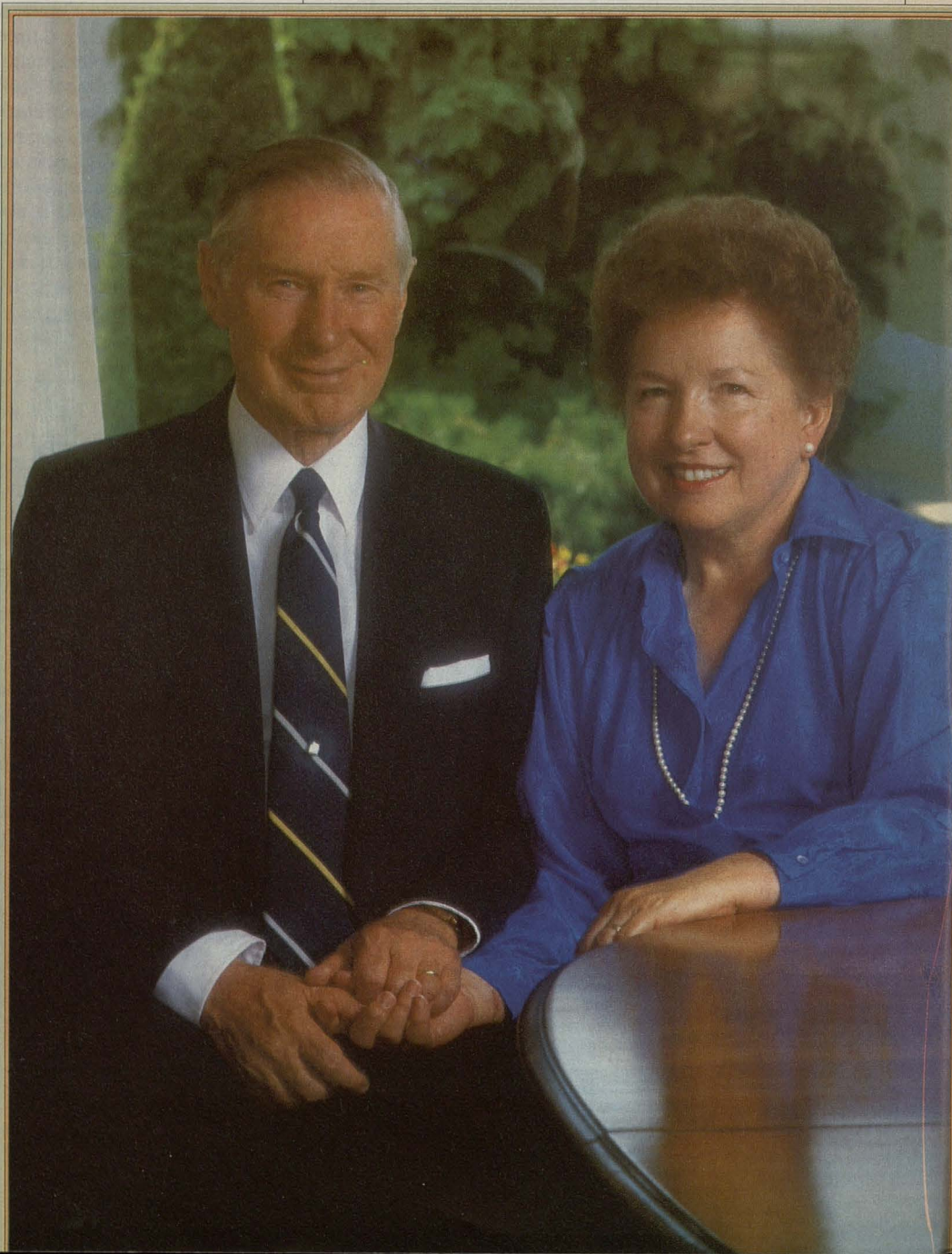
A filha Lisa nos fala sobre uma experiência familiar sagrada com um de seus filhos, que nasceu com um problema cardíaco. Havia uma passagem entre os ventrículos esquerdo e direito, e os médicos disseram que o bebê teria de ser submetido a uma cirurgia de coração exposto para corrigir o problema. Quando Nathan tinha mais ou menos dois anos de idade, os médicos notaram que o orifício estava causando muita pressão nos pulmões, e decidiram operar imediatamente. “Mas então, papai, meu marido e meu sogro deram uma bênção a Nathan, proferida por papai. Quando o médico o examinou na manhã seguinte, comunicou-nos

Élder James E. Faust é membro do Quorum dos Doze desde 1º de outubro de 1978. É apoiado em seu trabalho por sua esposa, Ruth, uma pessoa simpática que “tem um amor imenso às pessoas”.

que a cirurgia não seria mais necessária, pois o orifício era menor do que lhe parecera anteriormente. Sabemos que foi o sacerdócio que fez a diferença.”

Agora, quando Nathan demonstra muita energia e Lisa começa a desejar que ele se acalme, “Papai me lembra que a saúde dele é uma grande bênção, e devemos ser gratos por ela”.

Quando o Élder Faust foi chamado como Autoridade Geral, convidou os filhos para uma noite familiar especial. Quando estavam todos reunidos, ele se dirigiu a cada um, individualmente, expressando-lhe sua importância para ele e mencionando dons especiais que cada um deles recebera do Senhor. “Depois disse que jamais poderia ser uma boa Autoridade Geral, se



primeiro não fosse um bom pai”, recorda a Irmã Faust. “Disse-lhes que jamais seria desobrigado de seu chamado como pai. Afirmou que a paternidade era seu chamado eterno, e o mais importante.” Perguntou-lhes então como se sentiam a respeito de seu chamado como Autoridade Geral e se poderiam apoiá-lo.

“Naturalmente todos o apóiam”, diz Ruth. “Ele é uma pessoa muito sensível e um homem fácil de se amar.”

“Há Tanta Coisa nas Escrituras”

O dia do Élder Faust começa todas as manhãs com uma caminhada de meia hora, às 5h30min, geralmente acompanhado pela Irmã Faust. Até mudar-se para um condomínio, ele sempre teve pelo menos uma horta e muitas flores, e ainda aprecia “enfiar os dedos na terra”. Amante da boa música, freqüentemente ouve discos de sua coleção. Costumava cantar como barítono em quartetos missionários.

À noite, gosta de estudar as escrituras, sentado em sua cadeira — “a cadeira do vovô” — onde os netos muitas vezes se aconchegam e caem no sono. “Há tanta coisa nas escrituras”, diz ele. “Acho que não passamos da superfície. As escrituras têm de ser a base de tudo o que fazemos.”

Em 6 de outubro de 1972, James E. Faust foi apoiado como assistente dos Doze. Tornou-se membro da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, a 1.º de outubro de 1976 e, dois anos mais tarde, a 1.º de outubro de 1978, foi ordenado membro do Quorum dos Doze.

Durante sua designação como presidente da Missão Internacional, o Élder Faust conheceu membros e não-membros de longínquos cantos do mundo. Depois, em seu primeiro discurso como membro dos Doze, durante a conferência geral, falou sobre seu grande amor a eles: “Nasci com um certo daltonismo. Aprendi a amar a todas as pessoas nos países em que estive, como missionário, soldado, ou Autoridade Geral, a despeito da cor da pele. Espero ser um discípulo... especialmente para os humildes, os desprezados, os

pobres, os aflitos, os necessitados, e os pobres em espírito. Estou consciente de que, se nos esquecermos desses, de modo algum seremos seus discípulos.” (“Atender ao Chamado”, *A Liahona*, abril de 1979, p. 29.)

Um Padrão de Interesse Pessoal

Em cada um de seus chamados, ele manteve um padrão de interesse pessoal pelas pessoas. Com freqüência consegue lembrar nomes e rostos de suas experiências anteriores. Tem o dom de sentir amor e interesse pessoal sinceros, e de demonstrar o que sente. Tendo visitado uma estaca ou um país, guarda as pessoas que encontrou em sua lembrança, de modo especial.

Como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, presta um testemunho tocante e poderoso. “Ninguém jamais chegou até este chamado com maior sentimento de inadequação do que eu, neste instante”, afirmou nove anos atrás, como o mais novo membro do Quorum. Mas, dizia ele, “o requisito principal para o santo apóstolado é ser uma testemunha pessoal de Jesus, como o Cristo e o Divino Redentor. Se baseado apenas nisso, talvez eu me qualifique. Esta verdade tem-me sido manifesta pela indizível paz e poder do Espírito de Deus.” (*A Liahona*, abril de 1979, p. 29.)

Verdadeiramente, ele estava bem qualificado para servir. “Sinto que conheci o Salvador *antes* de vir para o Conselho dos Doze”, diz ele. “Um chamado para o santo apóstolado é uma experiência e uma segurança espiritual profunda.”

Ele sente o peso de seu compromisso, no mais alto grau. “Nunca me senti adequado nesta designação. Sou constantemente desafiado. Mas participo de uma grande irmandade e de uma grande união no Quorum.

Meus sentimentos por esta obra excedem a própria vida. Chega uma época em que o testemunho se torna mais do que uma crença: torna-se parte de um conhecimento seguro. E o que é maravilhoso sobre tudo isto é que é verdadeiro!” □

AREIA, MAR E A REDE

A ARTE DE CLARK KELLEY PRICE

A arte sempre foi um excelente meio de contar histórias. E para os santos dos últimos dias, contar histórias geradas pela fé sempre foi uma função da arte.

Histórias memoráveis baseadas na fé, são abundantes nas ilhas do Pacífico, especificamente em Tonga, Samoa e Fiji.

Clark Kelley Price é um artista e ex-missionário em Tonga. Ele mora em Star Valley, Wyoming, com a mulher e cinco filhos. Os cinco quadros reproduzidos nesta edição contam histórias do início e continuação da obra missionária em Tonga, Samoa e Fiji. Hoje, existem nessa cadeia de ilhas, mais de cento e quarenta alas, vinte e duas estacas, dois templos e, aproximadamente, cem mil membros da Igreja.



1.

1. “Que a Obra Se Inicie”

Em dezembro de 1862, Kimo Belio e Samuela Manoa, dois élderes nativos do Havai, saíram de sua terra natal para ir a Samoa, como

missionários. Mais tarde, o Élder Belio adoeceu, vindo a falecer. A obra só foi retomada em 1888, quando, como indica o quadro, o Élder Joseph H. Dean e sua esposa, Florence,

chegaram de veleiro em Aunuu, a 21 de julho desse ano. A missão de Manoa teve novo início com a chegada do casal Dean.

O Élder Dean aparece carregando seu filho Jasher Henry, de quatro meses, enquanto a Irmã

DE DO EVANGELHO



2.

para pregar o evangelho ao povo. Aqui, os Élderes Brigham Smoot e Alva John Butler (o que está cumprimentando com um aperto de mão) trazem um intérprete para ver o rei. Eles lhe entregam uma cópia das Regras de Fé, que o intérprete traduz para o tonganês. Após ouvi-las, o rei expressa seu agrado pelas doutrinas cristãs que elas contêm. Dá as boas-vindas aos élderes e lhes deseja sucesso, dizendo que seu povo é livre para escolher a igreja que desejar. Embora sendo rei, George está vestido com simplicidade. Em volta da cintura, usa um *tupenu*. Esta peça de vestuário é coberta com o tradicional sinal de respeito, uma peça trançada, chamada *ta'ovala*, presa por cordões de fibra de coco ao redor da cintura.

Dean se dirige à terra firme auxiliada por uma irmã nativa, que se casara com o Élder Manoa. Dois jovens samoanos carregam sua bagagem, enquanto raios de sol saem das nuvens acima do mar, sugerindo um clima

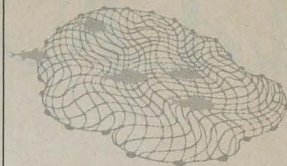
favorável para a chegada, tanto física quanto espiritualmente.

2. “Encontro com o Rei de Tonga”

Três anos após ser o

evangelho restaurado levado para Samoa, missionários de lá foram enviados para pregar em Tonga. Sua primeira parada, em 16 de julho de 1891, foi para visitar o Rei George I (Siaosi Tupou I), a fim de solicitar-lhe permissão





3. "Pescadores de Homens"

Élderes modernos, nativos de Tonga, chegam a uma nova área de trabalho, tendo conseguido passagem nos barcos de pesca que se vêem ao fundo. Descalços, os élderes usam o tradicional *tupenu* e *ta'ovalas*, com camisa branca e gravata, e carregam nos ombros suas esteiras *fala*, para dormir e sentar-se. Enrolam todos os seus bens, inclusive roupa de cama e banho nessa esteira, e carregam-na consigo aonde quer que vão. As cestas contêm seus livros de escritura e folhetos.

4. "O Élder e o Homem Rico"

O jovem deste quadro representa o Élder John H. Groberg, agora do Primeiro Quorum dos Setenta, quando jovem missionário nessas ilhas, de 1954 a 1957. A história aqui ilustrada é sobre o barco no horizonte. Seu proprietário é um estrangeiro rico e mundano, que chegara à ilha e se aproveitara da inocência dos nativos. O missionário tenta



3.

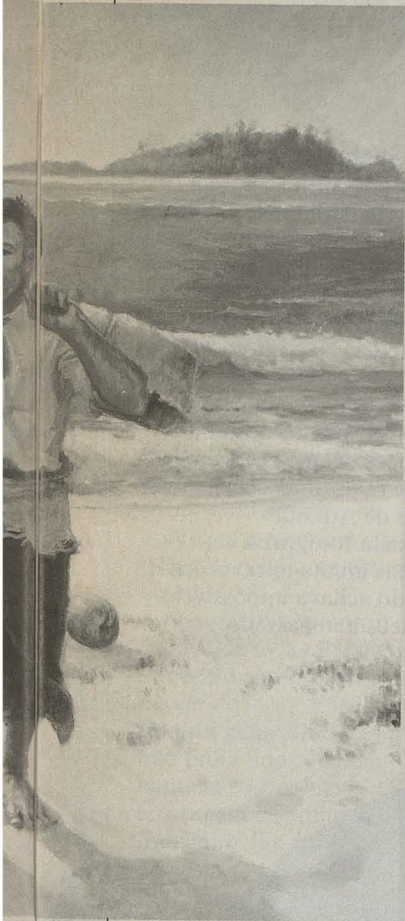
consolar um nativo idoso, mas aprende uma grande lição. O missionário começa a dizer "Sinto muito"... pelo mal que o homem mundano causara ao povo. Mas o irmão idoso o interrompe, dizendo: "Sim, eu também sinto

muito por aquele pobre homem. Seu tipo de pobreza é tão triste!" significando que as verdadeiras riquezas do povo da ilha não poderiam ser tomadas, muito menos apreciadas, por aqueles que pensam

apenas em riquezas materiais.

5. "Retrato do Artista Quando Missionário"

O artista pintou a si mesmo com seu companheiro (da Índia Oriental) ensinando uma família aldeã em Fiji,



onde serviu de 1964 a 1966. As pequenas cabanas da vila não tinham móveis, e geralmente eram divididas em dois cômodos. Na maioria das vezes, ensinavam fazendeiros e pescadores à luz de um simples lampião. □



4.



5.

À PROCURA DE MEUS ANTEPASSADOS NEGROS

Carol Batey, conforme relatado a Brad Wilcox

Logo após minha conversão a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, recebi minha bênção patriarcal. Nela eu era aconselhada a fazer minha genealogia. Isto me surpreendeu, pois, sendo negra, sempre achara que procurar minha genealogia seria um esforço inútil. Como poderia encontrar os registros de meus antepassados? Os escravos eram registrados apenas como propriedade sem nome.

Mas, embora não tivesse experiência, tempo ou dinheiro para uma pesquisa minuciosa, minha bênção patriarcal me incentivava a descobrir minhas raízes pessoais e providenciar que fosse realizada a obra vicária por meus antepassados. E então comecei.

Depois de meses de pesquisas inúteis, certa noite tive um sonho. Nesse sonho, uma fotografia de minha tetravó, que está pendurada em nossa sala de visitas, foi tirada da parede e entregue a mim. Eu já procurara

em vão os registros dela, mas o sonho foi tão vívido, que, no dia seguinte, fiquei olhando ansiosa para a fotografia, imaginando o que teria para mim, e por que me aparecera em sonho.

Voltei a contemplar o retrato várias vezes naquele dia. Vagarosamente, mas com muita força, recebi a impressão de que deveria escrever aos arquivos do Mississippi solicitando informações. Não me parecia lógico, mas segui o impulso.

Uma semana mais tarde, recebi uma cópia do recenseamento que continha o nascimento de minha tetravó, com todas as informações de que necessitava. Agora tenho um forte desejo de realizar as ordenanças salvadoras para ela, no Templo de Atlanta.

Eu costumava olhar para aquela fotografia em minha sala de visitas e ver apenas minha tetravó. Agora o retrato me lembra, que quando achava impossível descobrir informações sobre meus antepassados, foi-me mostrado um caminho. □



Ilustração de Mark Beuhner

TEMPO REGULAR

Lindsay R. Curtis



“**C**ostumava acreditar nessa história de religião mas isso foi antes de estudar as ciências. Agora não acredito mais na Igreja”, afirmou um estudante de medicina, colega meu.

“Sei que você passou inúmeras horas estudando as ciências”, repliquei, “mas, quanto tempo tem dedicado às escrituras?”

“Não tenho olhado para elas desde que era menino”, respondeu-me.

O Presidente Harold B. Lee costumava contar a história de um homem que ouvira rumores de que um personagem misterioso aparecera a oficiais do templo, advertindo-os: “É melhor que vocês se apressem e guardem suprimentos para um ano, dois ou três, pois virá uma época em que não haverá produção alguma.

O homem perguntou ao Presidente Lee o que ele achava disso. O Presidente Lee perguntou-lhe: — Você esteve na conferência de abril? Ele respondeu: — Não, não pude ir. — Você, com certeza, leu o relato do que foi dito pelos oradores naquela conferência... Não, ele não tinha lido. — Bem — disse o Presidente Lee — naquela conferência, o Senhor deu uma revelação sobre estocagem de alimentos. Como pode o Senhor transmitir-lhe o que ele deseja que você faça, se você não está presente quando ele fala, e não procura ler suas palavras depois que foram pronunciadas? (Harold B. Lee, “The Place of the Living Prophet, Seer, and Revelator”, citado em “Quando Te Converteres, Confirma Teus Irmãos”, Guia de Estudo para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, pp. 105-106.

Cultivai as Sementes da Fé

O testemunho é uma coisa viva. Não pode ser deixado ao sol durante um longo período, sem água e sem cuidado, esperando-se que permaneça vivo. As reuniões da Igreja proporcionam água fresca e sol, cultivam as sementes da fé e incentivam-nas a crescer e se tornarem mais fortes. As escrituras também são uma fonte de nutrição diária. O Salvador nos deu um sábio conselho, quando disse: “Examinai as escrituras... são

elas que de mim testificam.” (João 5:39.)

Salientamos a importância de os pesquisadores lerem o Livro de Mórmon, a fim de *obterem* um testemunho de sua veracidade, confirmando, assim, que Joseph Smith foi um profeta de Deus. Mas é igualmente importante nós lermos e relermos o Livro de Mórmon, para *mantermos* vivo o nosso testemunho.

A promessa de que, se lermos e orarmos a respeito do Livro de Mórmon “com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele (nos) manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo” (Morôni 10:4), é válida todas as vezes que lemos o livro. Necessitamos dessa renovação e fortalecimento de nosso testemunho.

Se quisermos conhecer a palavra de Deus, precisaremos buscar diligentemente o que o Senhor nos diz por meio de seus profetas.

Maravilhado diante da Sabedoria do Profeta

Um renomado médico e professor de importante escola de medicina procurou-me em meu escritório, quando fazia apenas um ou dois meses que eu servia como presidente de missão. “Presidente”, disse ele, “vou ser batizado em sua igreja. Já sei que ela é verdadeira, mas desejo perguntar-lhe o seguinte: Posso ser um bom santo dos últimos dias e ainda ser um bom médico?”

Assegurei-lhe que nunca deparara com um conflito de minha profissão com meus compromissos como servo do Senhor. Depois, perguntei-lhe: — Doutor, com sua bagagem científica, o que o fez aceitar a história de Joseph Smith?

— Devo admitir que a história me soou totalmente inadmissível a princípio — disse ele. — Mas depois pensei que, se este homem, Joseph Smith, era verdadeiramente um profeta, sua obra provaria o fato. Comecei a ler e estudar tudo o que consegui encontrar, escrito por ele.

Fiquei maravilhado diante da sabedoria daquele jovem sem cultura, em seu curto período de vida.

Certamente ele não poderia ter escrito qualquer daquelas coisas sábias, a menos que fosse o que clamava ser: um profeta de Deus! Somente Deus poderia ter sido o seu tutor.

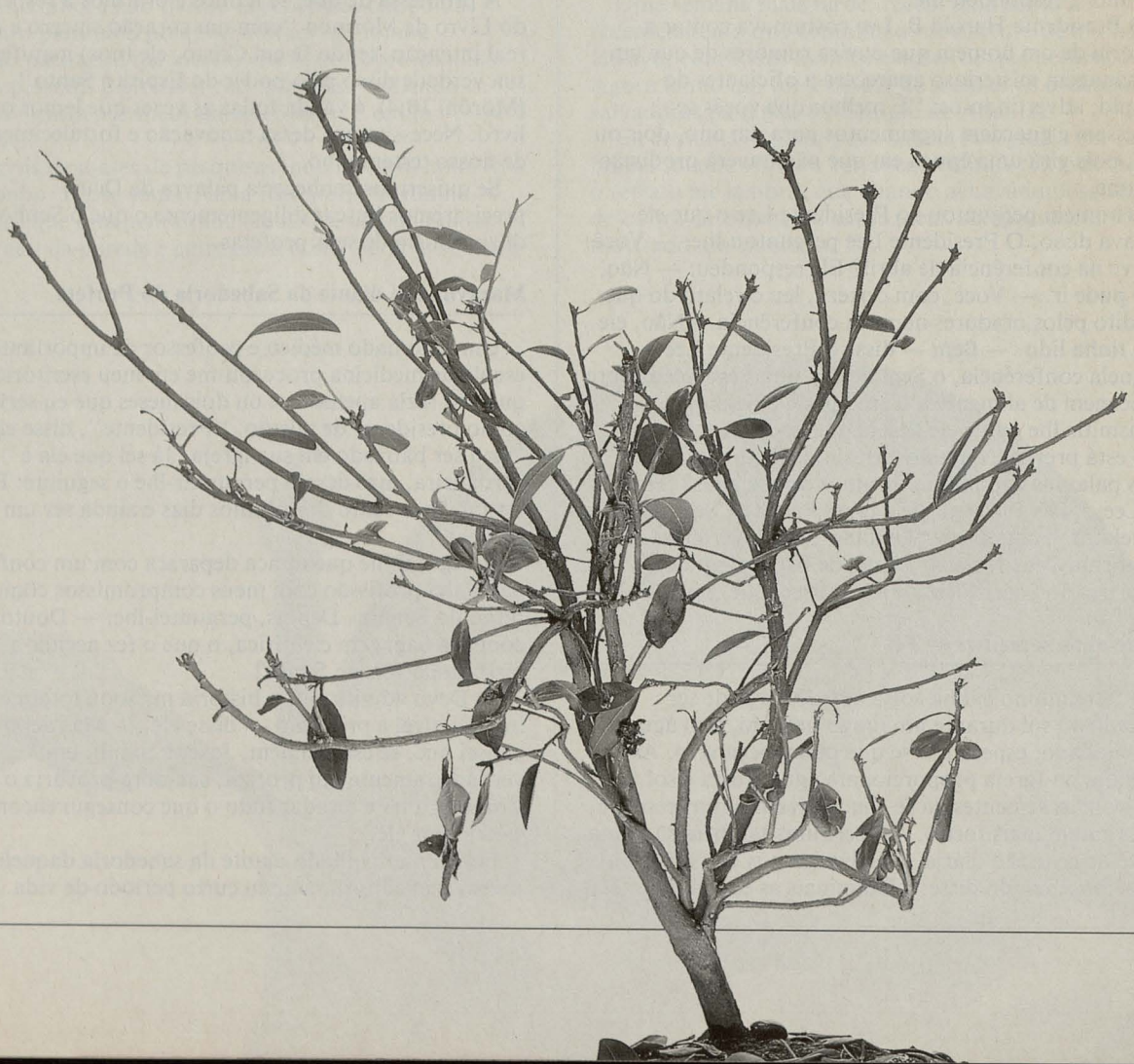
Não pude resistir ao desejo de perguntar-lhe o que seria a seqüência natural à minha primeira pergunta: — Qual sua reação ao Livro de Mórmon?

Sua resposta foi muito prática. — Eu o li e fiz a prova (ver Morôni 10:4) — disse ele. — Você pode imaginar uma explicação melhor do que a dada por Joseph Smith?

Nós Estamos em Julgamento, Não as Escrituras

Para mim, sua resposta resumiu uma afirmação básica: O Livro de Mórmon e as outras escrituras não estão em julgamento. Nós estamos. A prova de sua divindade está contida nelas. O testemunho de sua veracidade é nosso, simplesmente lendo-as fervorosamente.

Todos os meses, em *A Liahona*, temos também instruções e mensagens atuais de nosso profeta e outras



Autoridades Gerais. Se quisermos saber o que o Senhor tem em mente e deseja para nós, seu povo, podemos encontrar inspiração adicional lendo o que eles escrevem.

Com frequência encontramos pessoas que discordam ou até contendem com uma norma da Igreja, sem se preocupar em ver o que o Senhor revelou sobre o assunto. Se verdadeiramente desejamos saber as coisas como são — a verdade — estudaremos e daremos ouvidos aos conselhos de nossas autoridades, que nos são concedidos através do Espírito.

Podeis já ter lido as escrituras, talvez várias vezes. Mas nestes tempos tão tumultuados, necessitamos experimentar a alegria de ter nosso testemunho fortalecido e nossa fé renovada. Precisamos dar ao Senhor um “tempo regular” em nossa vida.

“Pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas” (Morôni 10:5). Eu vos desafio a sentir esse poder do Espírito Santo frequentemente em vossa vida, tornando a leitura das escrituras um hábito diário. □



Fotografia por David Quimney Júnior

PARA QUE SERVE O SOFRIMENTO



Sandra F. Strange

Minha vizinha Glenda era verdadeiramente bela, uma mulher encantadora e amável. Sua vida parecia cheia de promessas: tinha um marido amoroso, seis filhos pequenos, muitos talentos e bênçãos, e uma profunda fé. Mas Glenda estava morrendo de câncer.

Em comparação, minha avó não era mais a mesma. Uma artrite avançada tornara a maioria de seus movimentos dolorosos. A arteriosclerose e diversos pequenos ataques haviam transformado uma mulher inteligente e atenta num ser rabujento, exigente e inseguro. Ela vivia numa névoa mental, onde o tempo perdera seu significado. Desorientava-se com facilidade e mal se lembrava do marido morto ou de sua vida passada.

Glenda, tirada tão cedo de uma vida plena, e minha avó, com o corpo vivendo mais tempo do que a mente, morreram no espaço de poucos meses uma da outra.

Desde a morte delas, há vários anos, tenho



observado repetidas vezes pessoas que enfrentaram longos períodos de dor e intenso sofrimento. E, embora não possa oferecer uma explicação fácil para tanta dor, aprendi muitas coisas importantes com aqueles que enfrentaram o sofrimento com fé e paciência.

Servir com Amor

Uma dessas pessoas foi Vida Shepherd, de oitenta anos de idade. Seus ossos tornaram-se extremamente frágeis e fáceis de quebrar devido à leucemia. Confinada a um hospital, para evitar que se machucasse, ela sofria de constantes dores nas costas, além do desconforto de um problema digestivo crônico e males de coração. Apesar de tudo o que enfrentava,

ela voltou-se para os outros, tentando servi-los com amor. Fazia questão, quando lhe era possível, de visitar outros pacientes do hospital, que precisavam de encorajamento. Contou a experiência que teve, certo dia, com uma mulher que sofrera um ataque e não podia mais falar. "Sentei-me segurando-lhe a mão e conversei com ela", contou. "Sabia que compreendia o que eu falava. Apenas fiz com que soubesse que eu me importava com ela."

A Irmã Shepherd foi provada talvez até com mais severidade, pelo sofrimento de uma pessoa amada. Seu marido sofreu um ataque que o deixou paralisado, anos antes de morrer. Embora a doença o tivesse transformado de um marido bondoso e amável em um estranho, às vezes violento e mal-humorado, a Irmã Shepherd cuidou dele em casa até sua própria saúde tornar isso impossível. Depois, cobria uma longa distância até o hospital, pelo menos uma vez por dia, para alimentar e cuidar do marido. Ela enfrentou os desafios e provações especiais de sua vida.

Quanto Estamos Dispostos a Dar?

Pessoas que estão sofrendo, especialmente aquelas que amamos, obrigam-nos a decidir quanto de nós estamos realmente dispostas a dar, quanto de nosso tempo e de nossas forças emocionais e físicas sacrificaremos por eles. Penso muitas vezes em minha cunhada Judy. Sua filha de onze anos, Stephanie, nasceu com séria paralisia cerebral. Não pode fazer quase nada sozinha, nem consegue comunicar-se, a não ser por meio de ruídos sem qualquer significado. Para alimentar a filha, Judy precisa colocar pacientemente, cada colherada de comida na boca de Stephanie, repondo-a repetidamente, uma vez que a filha tem muito pouco controle ao engolir. Judy cuida de Stephanie com amor e constância.

As necessidades de Stephanie revelam muita bondade em Judy. Exigem enorme paciência e espírito de sacrifício, que talvez nem a própria Judy soubesse ter. O sofrimento alheio pode servir-nos de espelho, refletindo nossos pontos fortes e também nossas fraquezas.

Quando minha vizinha Glenda estava morrendo, hesitei em visitá-la. Não sabia o que lhe dizer, e sentia-me desajeitada diante de sua dor. Analisando minha atitude, após sua morte, percebi que grande parte de meu desconforto provinha do temor da morte e da relutância em enfrentar minha própria mortalidade.

As Prioridades na Vida Mudam Subitamente

Talvez prestemos serviços mais verdadeiros àqueles de quem não podemos esperar qualquer recompensa. Alguns anos atrás, a presidente da Sociedade de Socorro de minha ala, Mary, contraiu um tipo doloroso de câncer. Dolores, um membro novo da ala, perdera um filho com câncer. Usando sua própria experiência, ela visitava Mary diariamente, cuidando de suas necessidades e compartilhando sentimentos desconhecidos para nós, que não havíamos enfrentado aquela particular sombra de morte.

O sofrimento de Mary também modificou Nancy, jovem mãe de cinco filhos, que se refugiara em sua própria concha de depressão, raiva e autopiedade, por causa de problemas de saúde e familiares que a acometeram após o nascimento de seu último filho. Nancy amava Mary que havia procurado ajudá-la a vencer os dias de depressão. Com esse amor, Nancy visitava Mary freqüentemente, e quando Mary não conseguia mais cuidar-se, Nancy tomou para si a tarefa de trocar seus lençóis e ajudar a dar banho na amiga. Após a morte de Mary, Nancy continuou procurando servir os que a cercavam.

Talvez o sofrimento de Mary, assim como sua dor, tenham ajudado Nancy a encarar seus próprios problemas de uma perspectiva diferente. Sem dúvida, as visitas da Mary, Vida e outras iguais a elas me obrigam a examinar minha vida de um outro ponto de vista. As demandas e irritações do dia-a-dia não mais me parecem importantes. Minhas prioridades na vida mudam subitamente, quando vejo a dor prolongada de uma amiga. As cores mágicas de um pôr-do-sol, a risada de minha filha de três anos, a paz infinita do templo, viver plenamente de momento a momento, tudo isso se torna muito mais importante.

O sofrimento daqueles que nos cercam nos força a pensar um pouco mais profundamente no propósito da vida, mesmo quando não podemos compreender por que uma pessoa é milagrosamente curada, e outra, igualmente fiel, continua a sofrer.

Nós que, devido a amor ou obrigação, precisamos observar tais sofrimentos, não podemos deixar de nos sentir desalentados diante da aparente injustiça, a injustiça da dor não merecida e extrema. Esse tipo de sofrimento toca nossa alma. Mas também aumenta nossa fé, prova nossa compaixão, permite-nos reexaminar nossos valores, e nos ensina que a morte, longe de ser um espectro terrível, pode chegar também como um amigo bem-vindo, levando a pessoa que amamos para uma outra esfera, onde a vida pode novamente ser significativa e gratificante. □

“NÓS QUE PRECISAMOS OBSERVAR TAIS SOFRIMENTOS, NÃO PODEMOS DEIXAR DE NOS SENTIR DESALENTADOS DIANTE DA APARENTE INJUSTIÇA DA DOR. ESSE TIPO DE SOFRIMENTO TOCA NOSSA ALMA, AUMENTA NOSSA FÉ, PROVA NOSSA COMPAIXÃO E NOS ENSINA.”





REALMENTE NECESSITAMOS DE MAIS PASTORES
PARA NOSSO REBANHO CRESCENTE. ENTRE
AQUELES, HÁ MUITOS QUE SE TRANSFORMARÃO
NESSES PASTORES E MUITAS IRMÃS EM LÍDERES.

Ilustração de Randy Royter, Kay Stevenson

“CONTINUAREIS

Elder Neal A. Maxwell do Quorum dos Doze

Nos últimos meses, as Autoridades Gerais vêm usando o termo “menos ativos” para descrever os irmãos e irmãs da Igreja que necessitam envolver-se plenamente nas atividades e programas da Igreja. O termo tem menos significado de julgamento e é mais convidativo. É também mais preciso. Estudos realizados indicam claramente que muitos desses maravilhosos irmãos e irmãs têm um imenso reservatório de boa vontade e sentimentos positivos em relação à Igreja. Muitos estão mais dispostos a conversar sobre o evangelho do que podemos pensar. Alguns, na verdade, consideram suas condições atuais simplesmente temporárias, tendo a firme intenção de voltar à atividade plena. Um amigo meu, depois de se preparar durante certo tempo para retornar, disse, ao nos abraçarmos numa sala de selamento: “Consegui.” Ele sabia o que significa voltar.

Os Princípios Básicos São os Mesmos

Não nos deve surpreender o fato de que, em nossos estudos sobre rapazes da Igreja, em nosso programa missionário, e agora com nossos irmãos e irmãs menos ativos, os princípios básicos são os mesmos: A necessidade de relacionamentos afetuosos e leais; a compreensão de que ensinamos aquilo que somos; e a realidade de que nossos sucessos geralmente ocorrem em situações informais, envolvendo conversas simples, diretas e afetuosas.

Para mim, a escritura a seguir é fundamental Jesus ressuscitado lembrou-nos sinceramente de nossas responsabilidades plenas e perspectivas limitadas:

“Não obstante, não o expulsareis das vossas sinagogas ou lugares de culto, porque *a eles continuareis a ministrar; pois não sabeis se voltará, se se arrependerá* e virá a mim *com toda a sinceridade de coração*, e eu o curarei; e sereis vós os intermediários de sua salvação.” (3 Néfi 18:32; grifo nosso.)

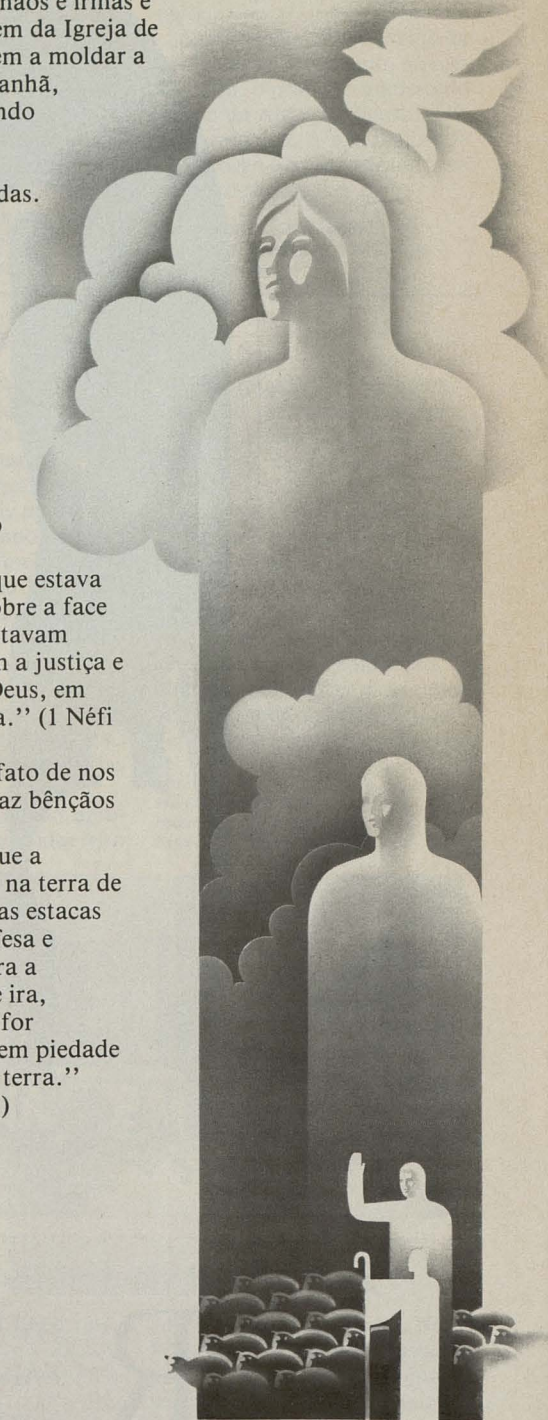
“Não o expulsareis” é, por si só, uma resposta inadequada; precisamos também criar espaço para ele e abrir-lhe lugar entre nós. E sempre devemos continuar a ministrar, pois, para alguns, seremos “os intermediários de sua salvação”. Não é de admirar que esse esforço não envolva um programa novo. Envolve, sim, um princípio: guardar, fundamental e regularmente, o segundo grande mandamento.

O que desejamos profundamente para esses irmãos e irmãs é que participem da Igreja de hoje, e ajudem a moldar a Igreja de amanhã, compartilhando das bênçãos especiais a serem recebidas.

“E aconteceu que eu, Néfi, vi o poder do Cordeiro de Deus que descia sobre os santos da Igreja do Cordeiro e sobre o povo do convênio do Senhor, que estava espalhado sobre a face da terra; e estavam armados com a justiça e o poder de Deus, em grande glória.” (1 Néfi 14:14.)

Mesmo o fato de nos reunirmos traz bênçãos especiais:

“E para que a congregação na terra de Sião e em suas estacas seja para defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre toda a terra.” (D&C 115:6.)



A IGREJA CONTA COM CERCA DE 13,5 POR CENTO DO TOTAL DE NOSSOS MEMBROS. REALMENTE PRECISAMOS DE MAIS PASTORES PARA O REBANHO CRESCENTE.

IS A MINISTRAR”

Só Numa Multidão

Esses amigos não se importarão muito com o que sabemos, a menos que saibam o quanto nos importamos. Os espiritualmente solitários necessitam de reafirmações especiais, pois é possível ter fome na presença de alimentos e sentir-se só numa multidão e até mesmo na igreja!

Certo presidente de estaca, já cansado de falar sobre esse desafio — pois a fala pode transformar-se em substituto da ação — suspendeu a reunião do sumo conselho de sua estaca e foi com o líder do grupo de sumos sacerdotes à casa de um irmão menos ativo. Quando saíram, lágrimas haviam sido derramadas e um chamado sido feito.

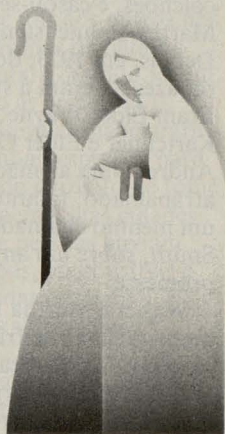
Com frequência só ajudamos alguém depois de o conhecermos. Quantos milhares de nossos membros, com endereços desconhecidos, são pessoas que nunca foram realmente conhecidas durante o processo de conversão ou integração?

Em nossos contatos, podemos falar com precisão, ao dizermos a esses maravilhosos irmãos e irmãs o *quanto necessitamos deles*. Por exemplo, estamos “tocando” a Igreja com cerca de 13,5 por cento do total de nossos membros. Essa é a parte composta de homens adultos que portam o Sacerdócio de Melquisedeque e que são ativos. Somente 30 por cento de nossos conversos são homens *adultos*. Dessa pequena porção, 75 por cento jamais receberam o Sacerdócio de Melquisedeque! Assim, muitos dos rapazes que são convertidos nunca recebem o Sacerdócio de Melquisedeque.

Necessitamos de Mais Pastores

O resultado é que, em algumas áreas da Igreja, nos sentimos como se estivéssemos guiando um grande carro, usando o motor de uma simples motocicleta. Imaginemos o que seria a Igreja se, *em todo o mundo*, metade de nossos homens adultos portasse o Sacerdócio de Melquisedeque e fosse ativa!

Realmente precisamos de mais pastores para nosso rebanho crescente. Entre aqueles dos quais estamos falando hoje, há muitos que se



A ACEITAÇÃO INCONDICIONAL, O AMOR E O SERVIÇO JAMAIS SÃO TÃO PERCEBIDOS QUANTO NOS MOMENTOS EM QUE O MUNDO DE UM INDIVÍDUO FOI MODIFICADO.

transformarão nesses pastores e muitas irmãs que se tornarão líderes.

Tempo de Nos Movermos

Precisamos sair do nível em que a Igreja se encontra agora. Não é mais seguro permanecer nele. É hora de sair em busca dessas pessoas, antes que seja tarde demais!

Muito dependerá da capacidade de sermos vizinhos e servos.

Creio que foi Gandhi quem disse que, quando estamos de posse da verdade absoluta, é imperativo amarmos. Caso contrário, segundo minhas observações, tanto o portador da mensagem quanto a própria mensagem não serão bem recebidos.

A aceitação incondicional, o amor e o serviço jamais são tão percebidos quanto nos momentos em que acontece uma morte, divórcio, mudança de carreira, enfermidade ou mudança de casa, quando o mundo de um indivíduo, de uma forma ou de outra, foi modificado. Com muita frequência, esse tipo de evento nos torna, para usar a frase de Alma, “preparados para ouvir a palavra”. (Alma 32:6.)

Novamente, refiro-me às palavras de Jesus: “A eles continuareis a ministrar; pois não sabeis se voltará, se se arrependerá... e sereis vós os intermediários de sua salvação.”

Observai que Jesus ressuscitado, tendo terminado um ministério mortal perfeito, nos dá esse conselho, o qual reflete o estilo e a substância de sua liderança, lembrando-nos de que não sabemos quem retornará e se arrependerá. Observai, também, que a sequência é primeiro o retorno, depois o desenvolvimento do processo de mudança, realizado num ambiente cheio de amor, apoio e ministração. O Senhor disse que ele os curaria, mas que nós seríamos “os intermediários de sua salvação”. É uma escritura assombrosa, cheia de sabedoria, orientação e consolo. Não nos devemos esquecer disso, pois muitas pessoas na Igreja, que ainda não possuem um testemunho de que Jesus é o Cristo, precisam acreditar nas palavras daqueles que o sabem. (Ver D&C 46:13-14.)

Que nosso comportamento torne possível acreditar em nós. Que sejamos dignos, em nossas óbvias imperfeições, de tomar parte no aperfeiçoamento dos santos. (Ver Efésios 4:12.) □



Sede da missão
Alemanha Oriental.

Presidente Stover construiu
quatro capelas e a sede da
missão com recursos próprios.



A capela de Dahlen Berlim.

Presidente
Stover com os
missionários.



Irmão e Irmã Stover
adotaram duas meninas
alemãs, Heidi e Brigitte.

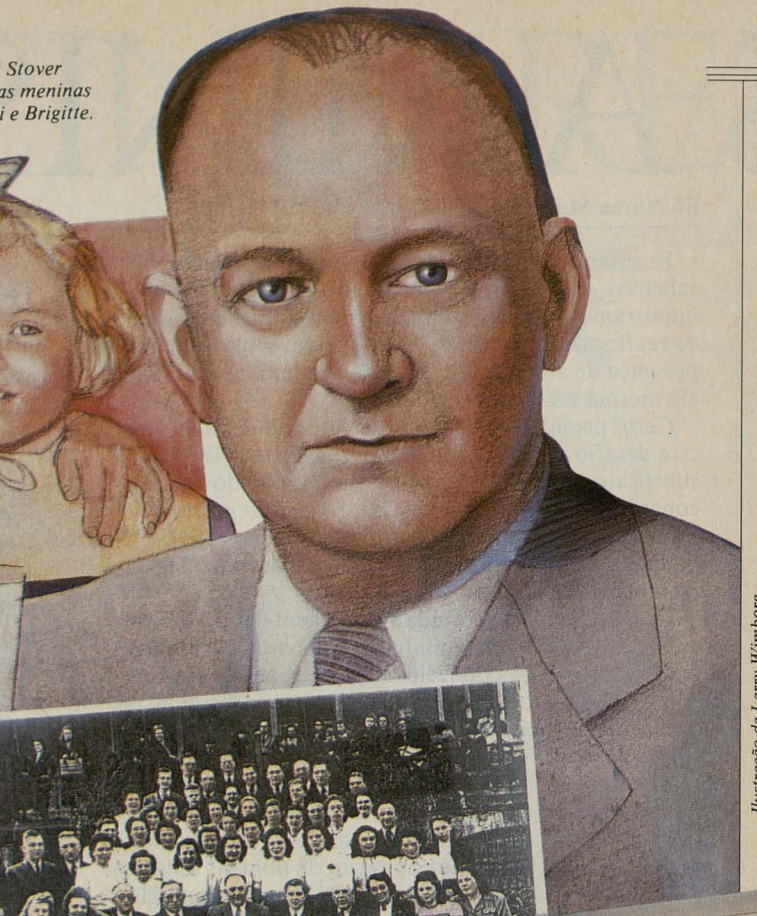
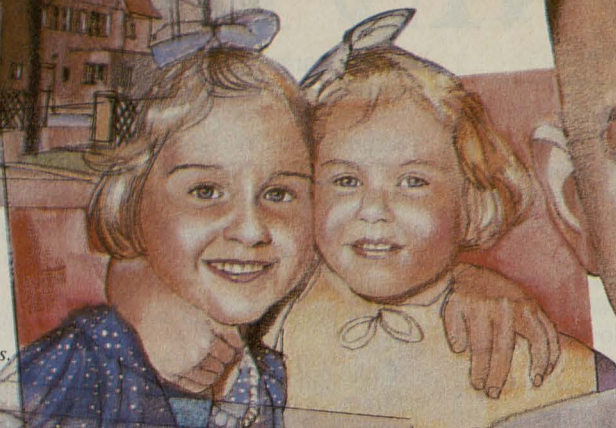


Ilustração de Larry Wimborg



Plantando batatas para um
projeto de bem-estar em Berlim.

Os tamancos de madeira de Walter Stover rangiam ao longo das estradas pedregosas e das ruas pavimentadas, na longa caminhada em direção à escola, em Bremerhaven, Alemanha, todas as manhãs. Ele usava tamancos de madeira porque custavam apenas 20 centavos o par, e o dinheiro era escasso.

A vida do jovem Walter jamais foi fácil. Sua mãe morreu quando ele era criança. “Meu pai passou de cama os últimos três anos de vida”, lembra-se Walter, agora com 87 anos de idade. “Precisei ajudar no trabalho da fazenda quando era ainda bem pequeno.” Quando estava com onze anos, seu pai faleceu. Aos quatorze era aprendiz de metalurgista. Aos dezesseis foi convocado para o exército alemão, lutando na artilharia, nos campos de batalha da França e da Bélgica, durante a I Guerra Mundial.

Um Anjo, um Livro, uma Promessa

Depois da guerra abriu uma oficina de tapeçaria e

colchões, e casou-se com Martha Bohnenstengel. Depois, em 1923, dois rapazes bateram à sua porta. Eram Élder Wayne Kartchner e Élder Otto Andre. Num alemão atrapalhado, falaram sobre um menino chamado Joseph Smith, sobre um anjo e uma promessa.

Walter e Martha foram batizados no Rio Warthe, numa meia-noite fria de novembro. A ordenança precisava ser realizada à noite, porque existia um sentimento antimórmon na Alemanha, naquela época. Walter tornou-se presidente do Ramo Landsberg. Os trinta membros se reuniam na fábrica de colchões. Atendendo ao chamado para reunirem-se em Sião, ele e Martha emigraram para Utah, em 1926. Martha empregou-se numa fábrica de camisas para homens a 7,50 dólares por semana, e Walter trabalhava numa

DADO LIBERALMENTE

WALTER STOVER - UMA LENDA DE GENEROSIDADE

Melvin Leavitt

fábrica de colchões, ganhando 20 dólares por semana. Em 1929 eles fundaram a Stover Bedding and Mattress Company.

A medida que o negócio florescia, Walter tornou-se conhecido por sua generosidade e compaixão. Dava liberalmente de seus bens terrenos e de si próprio. Ele não gosta que esses atos de bondade sejam

comentados, mas muitas cargas foram diminuídas e muitas vidas iluminadas por seus cuidados.

As Nuvens da Guerra

A vida de Walter foi obscurecida, contudo, pelas nuvens da guerra que se espalhou pela Europa. Logo sua terra natal e sua nação adotiva estavam em luta, e seus filhos matando-se uns aos outros nos mesmos campos de batalha onde ele lutara quando jovem.

Quando as armas da II Guerra Mundial silenciaram, a Alemanha despertou para um mundo cinzento de fome,

doenças e desespero. Suas cidades estavam em ruínas. Milhões de pessoas haviam perdido suas casas. Alimentos, roupas, combustível e abrigos quase não existiam. As pessoas estavam morrendo diariamente por falta dos suprimentos essenciais.

Os santos dos últimos dias fiéis haviam sofrido com o resto. Alguns haviam morrido por ocasião dos bombardeios. Muitos foram mortos em combate. Outros tinham sido feitos prisioneiros de guerra.

Mas o amor dos santos e seu triste resultado, durante os últimos dias da guerra e seu triste resultado, foi uma espécie de milagre. Eles repartiam sua comida, seus lares, e sua fé. Os líderes nativos trabalharam com

grande devoção para obter o que podiam para ajudar os membros.

Mais ainda, chegou o momento em que não havia nada mais para repartir e nada mais para comprar. No final de 1946, a situação era desesperadora. Um dos invernos mais rigorosos já registrados baixou sobre as cidades destroçadas pelas bombas, em direção ao norte. Reunindo-se em edifícios sem aquecimento, os santos fiéis observavam, espantados, a água que se congelava nos copinhos do sacramento.

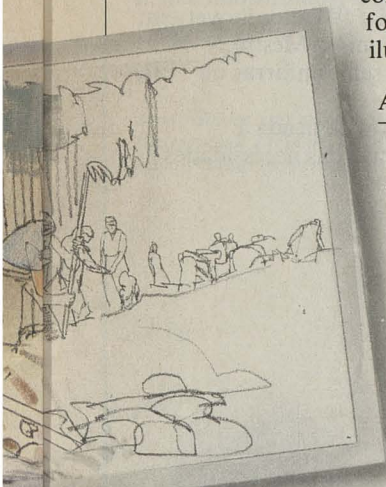
Retorno à Alemanha

O Élder Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, fora para a Europa, no início de 1946, a fim de avaliar as necessidades e abrir caminho para as centenas de toneladas de suprimentos que as alas e estacas da Igreja haviam doado. No outono daquele ano, exatamente quando a necessidade se tornava mais desesperadora, esses suprimentos começaram a chegar à Alemanha.

E pouco tempo depois da chegada dos suprimentos de emergência, a Igreja enviou uma outra grande dádiva para a Alemanha — um homem de fé, amor e compaixão. Um homem forte e humilde, que há muito havia abandonado os tamancos de madeira, mas que nunca perdera o amor à terra natal — Walter Stover foi enviado como presidente da Missão Alemanha Oriental.

Com seus próprios recursos ele comprou dois vagões de alimentos e suprimentos de emergência, levando-os para a Alemanha. Também levou seu carro, um Pontiac verde.

O Presidente Stover foi apoiado como presidente da missão numa reunião presidida por Élder Benson. Ela foi realizada numa escola que havia sido bombardeada, em Berlim. Os membros da Igreja se aproximaram do Presidente Stover, após a reunião, e lhe disseram: “Perdemos nossas casas, nossas fazendas e tudo que possuíamos, mas não perdemos o testemunho do evangelho.”



Na Zona Russa

Sete dos oito distritos da Missão Alemanha Oriental, ficam dentro da zona russa. O Presidente Stover iniciou uma série de conferências de distrito nesta zona, reunindo os remanescentes dos santos. Muitos ramos haviam quase desaparecido. Alguns tinham apenas mulheres e crianças. Os homens estavam mortos ou tinham sido aprisionados. O povo estava reduzido a alimentar-se de mato, para suplementar sua magra ração de pão preto. Os membros afluíram para as conferências em grande número, famintos de alimento espiritual como estavam de comida. Inúmeras vezes o Presidente Stover atravessou para a zona russa em seu Pontiac verde, levando ajuda tanto espiritual quanto temporal, um pastor para um rebanho disperso e devastado.

Havia algum perigo nessas viagens. Ele foi preso várias vezes, e, numa determinada ocasião, foi levado, na mira de uma arma, para ser julgado por uma corte militar russa, como espião americano. Foi solto sem sofrer qualquer dano. O Presidente George Albert Smith lhe prometera que o adversário não teria poder sobre ele, enquanto cumprisse seu dever, e esta promessa foi honrada diversas vezes.

E sempre, ele alimentou e vestiu os santos, com os suprimentos de bem-estar da Igreja e, às vezes, com mercadorias compradas por ele mesmo. Deu roupas, cobertores e suprimentos a famílias que poderiam ter morrido geladas ou famintas sem seu auxílio.

“A Coisa Mais Bela”

Membros de toda a Igreja também contribuíram para salvar os santos alemães. O Presidente Stover chama este esforço de “a coisa mais bela e inspiradora que jamais tive o privilégio de testemunhar durante todo o tempo em que fui membro da Igreja”. Começou numa visita à Holanda, quando ele descreveu, detalhadamente, o sofrimento dos membros alemães. Cornelius Zappey, presidente da Missão da Holanda, ficou tão comovido que pediu aos membros de seu país que plantassem batatas em seus jardins, a fim de atenderem a seus antigos inimigos. Eles concordaram entusiasticamente, e, em novembro de 1947, enviaram 60 toneladas de batatas para a Alemanha, juntamente com 96 barris de arenque. Enviaram mais 60 toneladas de batatas em 1949.

A própria generosidade do Presidente Stover com os santos tornou-se legendária. Ele construiu e pagou pelo menos quatro novas capelas com recursos próprios. Certa vez alugou um trem para levar os membros da Alemanha Oriental ao setor americano de Berlim, a fim de assistirem a uma conferência. Num Natal, ele e o presidente da Missão da Alemanha Ocidental compraram uma barra de chocolate do comissário do exército dos Estados Unidos para cada criança SUD da Alemanha. Depois disso, as crianças passaram a chamá-lo de “tio Chocolate”.

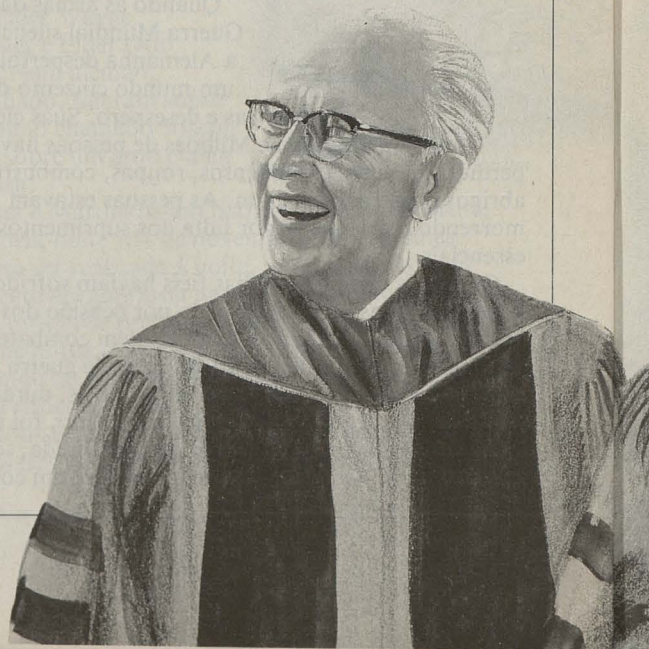
No final de sua missão, o Presidente Stover e a esposa adotaram duas menininhas alemãs, Heidi e Brigitte.

O Presidente Stover testemunhou o início da Guerra Fria. Viu a Cortina de Ferro atravessar a Europa. Observou o acesso a seus bem-amados santos da Alemanha Oriental tornar-se cada vez mais difícil e raro. Mas continuou a trabalhar arduamente para servir seu povo de todas as formas possíveis.

Após sua desobrigação, em 1951, o Irmão Stover continuou na prática do amor ao próximo em Lago Salgado. Empregou muitos imigrantes empobrecidos, em seu negócio, e silenciosamente auxiliou inúmeros outros, evitando publicidade, mas sempre doando. Os alunos que ocupam uma ala da Universidade Brigham Young, gozam de uma pequena parte de sua generosidade. Ele doou todos os colchões e estrados de cama para todo o complexo.

Nesse meio tempo, serviu em muitas designações da Igreja, em sua própria ala e como membro de comitês da Igreja toda. Não saberia como passar a vida de outra forma que não fosse servindo, e percebia oportunidades de servir em todos os lugares. O Presidente Ezra Taft Benson disse o seguinte a respeito dele: “Irmão Walter Stover, a quem conheço e tenho amado por mais de quarenta anos, é um homem de confiança e um santo dos últimos dias exemplar.” O Presidente Thomas S. Monson diz: “Walter Stover tem contribuído com tudo que tem, como o Mestre, silenciosamente e sem alarido — sem fanfarras ou crédito pessoal.”

Toda a vida de Walter Stover foi dedicada à edificação de Sião e ao atendimento das necessidades



dos filhos de seu Pai. Ele poderia ser atualmente um homem muito rico, segundo os padrões do mundo. Ele poderia ter propriedades, mansões e frotas de carros. Ao invés disso ele investiu seu dinheiro e sua vida na vida de seus semelhantes e no evangelho restaurado. E assim, ao invés de ser muito rico em dólares e centavos, ele é muito rico de amor, alegria e do Espírito do Senhor.

O Salvador certamente devia estar pensando em gente como Walter Stover, quando disse:

“Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:34-40.) □

Irmão Stover, que recebeu a menção honrosa presidencial da Universidade Brigham Young, tem feito doações substanciais a muitas causas de mérito.

A BÊNÇÃO DE VOVÓ

Kirk F. Hazen



Vovó estava morrendo, e sentia medo. Sofrendo os efeitos de câncer, diabete e um ataque cardíaco, ela não deveria ter mais de uma semana de vida. Minha esposa, Rosanne, pedira-me que eu visitasse sua avó no hospital para tentar explicar-lhe o que acontece a nosso corpo e nosso espírito quando falecemos.

No passado, vovó recusara todas as nossas tentativas de ensinar-lhe o evangelho, e eu fiquei imaginando como reagiria agora. Eu não estava esperando uma conversão miraculosa naquele dia. Somente esperava poder oferecer-lhe algum conforto e ajudá-la a preparar-se para ser mais receptiva à mensagem do evangelho, quando ela alcançasse o outro mundo.

Para minha surpresa, vovó demonstrou grande interesse no que eu lhe disse. Fez ela muitas perguntas, a maioria das quais eu podia responder. Conversamos sobre a morte, mas a maior parte do tempo falamos sobre a vida e o plano de Deus para ela. Depois conversamos sobre o sacerdócio e a ministração aos doentes.

Após explicar-lhe a respeito do sacerdócio e ministração aos enfermos, vovó surpreendeu-me novamente perguntando-me se poderia receber uma



bênção, mesmo não sendo membro da Igreja. Disse-lhe que o sacerdócio estava na terra para ajudar todos que desejassem suas bênçãos.

Depois fui embora, prometendo voltar com alguém que pudesse auxiliar-me na bênção. Orei enquanto me dirigia à casa de um amigo que iria ajudar-me a ministrar-lhe a bênção. Vovó deixaria esta terra em poucos dias. Que tipo de bênção eu lhe daria? Como me tinha sido ensinado, tentei clarear minha mente e esperei a influência do Espírito.

De volta ao quarto de hospital de vovó, sentimos o Espírito a indicar-nos que deveríamos repreender as doenças que estavam no seu corpo. Prometemos que ela permaneceria na terra até que tivesse descoberto o que o Pai Celestial tinha para ela e que não iria morrer até que tivesse tomado a decisão de partir. Depois a deixamos descansar.

Vovó não morreu. Sua força retornou, e, eventualmente, ela ia para casa passar a tarde, conseguindo caminhar com a ajuda de uma bengala. Ela solicitou e recebeu todas as palestras missionárias e leu o Livro de Mórmon.

Dois anos mais tarde, durante uma de suas visitas ao lar, disse à filha, mãe de minha esposa, que não desejava estar aqui dentro de um ano. Em uma semana sua saúde regrediu ao ponto em que estivera antes da bênção, e ela morreu.

Ela não fora batizada porque era fisicamente impossível, mas sabíamos que estava pronta. Fora-lhe concedido tempo adicional para preparar-se, e quando ela terminou sua preparação, partiu. Fizemos a obra vicária por ela, no templo, no verão seguinte.

Seu funeral foi um dos mais belos a que compareci e sei que vidas foram tocadas na ocasião. Depois disso, sua irmã e sua sobrinha foram batizadas na Igreja, e ajudaram a realizar a obra vicária por ela e outros membros da família. Aprendi que assim como o Senhor sempre nos sustenta em nossa fé, ele também nos fortalece e nos acrescenta. □

UM MISSIONÁRIO RECÉM-NASCIDO

Susan M. Freeborn

O missionário que mudou minha vida foi meu filho recém-nascido, Richard, que veio para este mundo cheio de alegria e partiu com extrema rapidez. Sem pronunciar uma palavra, ele testificou de verdades eternas. Aprendi mais com ele do



que com qualquer professor que jamais encontrara.

Eu tinha vinte e dois anos, era membro ativo de uma outra fé, segura e contente com minha vida. Não tinha perguntas sobre o significado da vida ou a possibilidade de qualquer verdade fora de minha própria religião.

Foi então que Richard nasceu com vários defeitos congênitos. Minha pacata existência foi atirada num furacão. Nos poucos meses que Richard esteve conosco, entrou e saiu do hospital várias vezes. Cada problema parecia afetar seriamente seu corpinho. Entretanto, era uma bela criança. Sabedoria e força pareciam fluir dele. Seu sorriso e seu espírito gentil e pacífico tocaram-me de uma forma que ninguém me havia tocado.

Durante aqueles meses, senti-me esmagada pela depressão e raiva. Não conseguia entender por que meu filho tinha tantos problemas. Conselheiros religiosos da minha igreja disseram que talvez eu estivesse sendo punida por algum pecado inconfessado, ou que eu era uma mãe indigna e não merecia nada melhor. Mas eu não podia acreditar que um Deus amoroso puniria uma criança inocente pelas transgressões de sua mãe.

Naquela época, membros da família de meu marido, que pertenciam à Igreja Mórmon, deram-me vários materiais da Igreja para ler. À medida que os lia, podia sentir meu coração vagorosamente se elevando. A dor que experimentara parecia insignificante comparada à alegria, esperança e fé que agora iluminavam meu caminho.

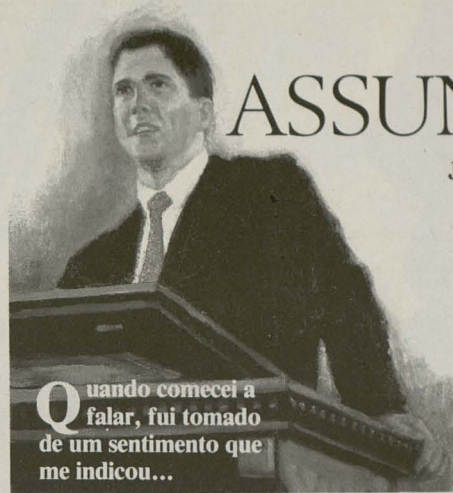
Cerca de três semanas depois que os missionários começaram a ensinar-nos, Richard silenciosamente retornou ao lar de onde partira apenas alguns meses antes. A tristeza que sentimos foi minorada pelo seu doce espírito, que encheu nosso coração e consolou-nos naqueles primeiros dias solitários, e pelo conhecimento de que nosso precioso filho ainda vivia, um pouco além de nossa vista.

Desde então, três belos filhos vieram enriquecer nossa família. Cada um deles parece possuir um pouco da luz que Richard transmitia. Sou tão grata a meu Pai Celestial, que sabiamente me enviou aquele filho e que, com entendimento ainda maior, o chamou de volta para casa. Rejubilou-me diariamente por este pequeno missionário que pregou sem pronunciar palavra. □

O corpo de Richard tinha vários defeitos, porém sabedoria e força pareciam fluir dele. Seu espírito pacífico tocara-me como ninguém me havia tocado.

O ESPÍRITO MUDOU O ASSUNTO

Julian C. Lowe



Durante minha missão, em 1941, fui chamado para ser presidente do Distrito de Scottsbluff, no oeste de Nebraska. Certo domingo, eu havia sido solicitado a falar na reunião sacramental e havia preparado um discurso sobre a oração.

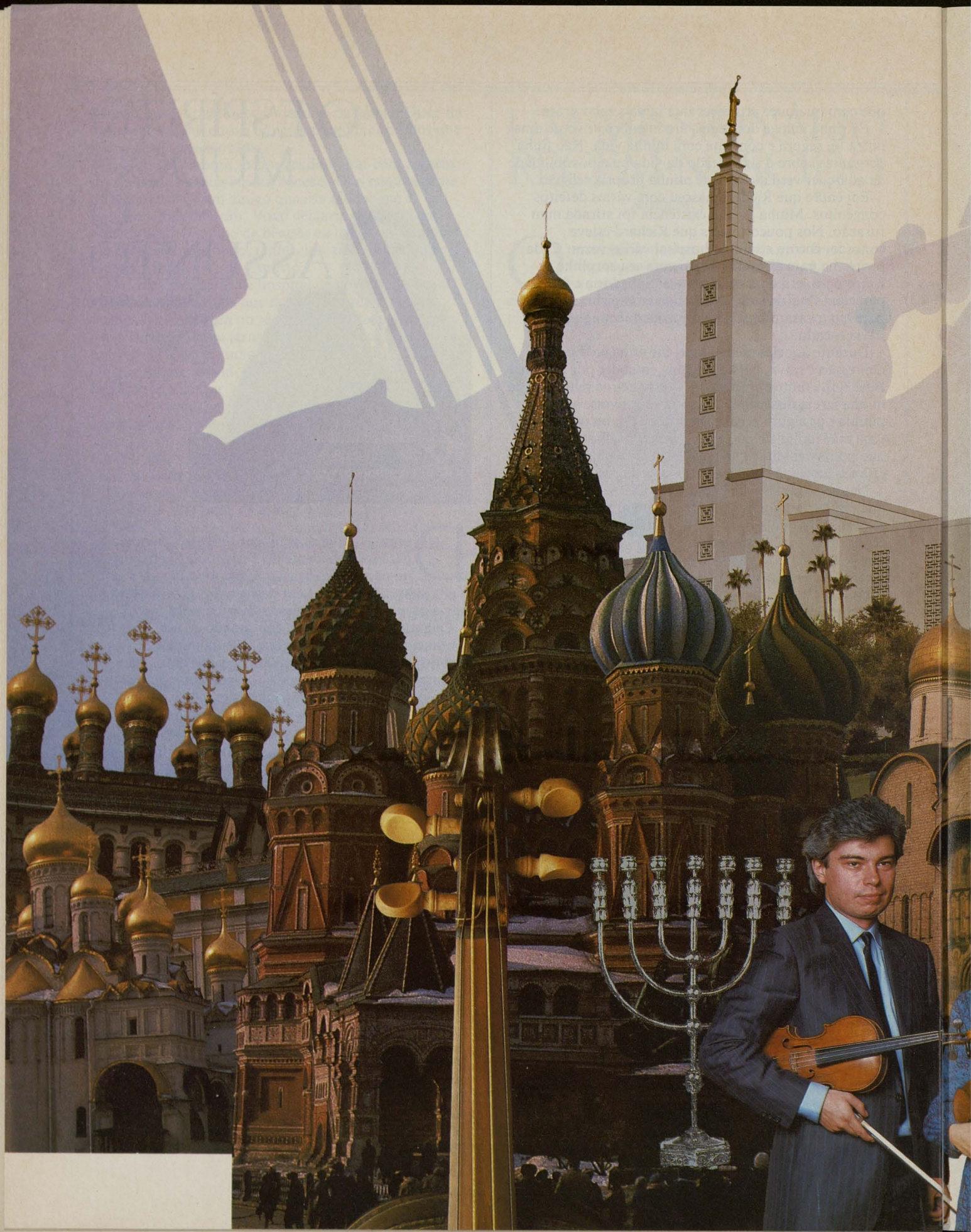
Quando comecei a falar, fui tomado de um sentimento que me indicou que deveria mudar o assunto e falar sobre o dom do Espírito Santo. Não cedi imediatamente ao impulso, argumentando que me havia preparado para falar sobre a oração e era isso que iria fazer. Momentos mais tarde, tive o mesmo sentimento com maior força. Finalmente, disse à congregação o que ocorrera e mudei o assunto.

Imediatamente soube o motivo. Sentada na quinta fileira, estava a família Pitchford, inclusive o marido e pai que não era membro, Malcolm Pitchford. Quando o vi, soube instantaneamente que era para ele que devia falar, embora não soubesse o motivo.

Quando a reunião terminou, Malcolm correu para dizer-me que entendera uma doutrina que o estava incomodando havia muitos anos. Afirmou-me que agora estava pronto para ser batizado.

Mais tarde, naquela noite, a Irmã Pitchford contou-me que embora Malcolm tivesse sempre sido um bom marido e um bom pai, tendo apoiado sua atividade na Igreja, ele não estava pronto para ser batizado. Disse-me que no início daquela tarde orara fervorosamente para que Malcolm fosse com eles à reunião sacramental e que, de alguma forma, seu coração fosse tocado.

Alguns dias mais tarde tive o privilégio de batizar Malcolm no Rio North Platte e, mais tarde, quando minha missão terminou, de ir ao Templo de Lago Salgado com a família Pitchford, onde foram selados para o tempo e a eternidade. □





IGOR & VESNA GROUPMAN

DeLynn Decker

A história deles é uma história de amor: amor à música, amor recíproco, amor à liberdade e amor ao Evangelho de Jesus Cristo. Para Igor e Vesna Groupman, o amor tornou-se uma força motivadora que mudou sua vida.

O casal se conheceu em 1971, quando ambos estudavam violino na Escola Central de Música de Moscou para Jovens Músicos de Talento. Em 1967, com onze anos de idade, Igor ganhou o primeiro prêmio no Concurso Nacional para Jovens, em sua cidade natal, Kiev, na União Soviética. Aos quinze anos, conquistou uma bolsa de estudos para a Escola Central de Música de Moscou, um dos melhores centros de ensino musical do mundo.

Vesna, que nasceu em Nish, na Iugoslávia, era solista na Orquestra de Câmara de Belgrado, aos dez anos de idade. Em 1969, venceu o Concurso Internacional de Violino para Jovens, na Tchecoslováquia. Com o crescimento de sua fama, ela também ganhou uma bolsa de estudos para a Escola Central de Música de Moscou. Foi assim que Igor e Vesna se tornaram colegas e, finalmente, namorados. Mas não podiam casar-se na Rússia.

“Um russo que se casasse com uma estrangeira, era considerado um refugiado em potencial”, explica Igor. “Embora meu talento fosse considerado um ‘tesouro nacional’, se nos casássemos as autoridades perderiam

a confiança em mim, e minha oportunidade de seguir uma carreira internacional estaria terminada.”

Ambos se formaram na escola de música e foram aceitos no famoso Conservatório Tchaikovsky de Moscou, para pós-graduação. Em 1979, a família de Igor, que era judia, solicitou permissão para deixar a Rússia, durante um período em que a emigração judaica estava encontrando certa facilidade. Igor decidiu partir com eles, mas assim que suas intenções se tornaram conhecidas, poucos meses antes de sua formatura, foi expulso do conservatório.

A família Groupman recebeu permissão para deixar a Rússia, e chegaram aos Estados Unidos em 15 de julho de 1979. Igor e Vesna haviam resolvido que ela deveria permanecer na Rússia até terminar seus estudos, e depois iria encontrar-se com Igor nos Estados Unidos, em julho de 1980.

Foi um ano solitário de lutas, para ambos. Estabelecendo-se em Los Angeles, na Califórnia, Igor recebeu uma bolsa de estudos para aperfeiçoar-se com o famoso violinista, Jascha Heifetz, e também tocava para estúdios de gravação. Nesse ínterim, Vesna terminou os estudos, dando recitais por toda a Europa, e executando solos com as Sinfônicas de Belgrado (Iugoslávia) e Munique (Alemanha Ocidental). Imediatamente após a formatura, foi para os Estados Unidos onde ela e Igor se casaram.

Vesna sentia necessidade de uma orientação, e de um firme fundamento de fé. “Eu era membro da Igreja Ortodoxa Russa, mas tinha um sentimento muito forte de que um dia veria a verdade e a reconheceria”, diz ela.

“Lembro-me de me sentar com Igor e comentar com ele como seria maravilhoso encontrar uma Igreja exatamente como aquela da Bíblia”, conta ela. Certo dia, um vizinho, que também era imigrante russo, disse-lhes que havia encontrado tal igreja. Três dias mais tarde, duas missionárias bateram à porta do casal Groupman e ensinaram-lhe o evangelho.

Em abril de 1982, após um mês de oração e estudo, Vesna foi batizada. Igor estudou e frequentou a igreja

com ela. Ainda não decidira batizar-se, mas o exemplo de Vesna o ajudou. “Achei que precisava saber tudo a respeito da Igreja e tornar-me perfeito para poder ser batizado”, diz ele. Preocupava-se particularmente com a questão do fumo, pois adquirira o hábito aos treze anos de idade.

A família Groupman mudou-se para San Diego, Califórnia, e tornou-se ativa na Ala VII, da Estaca San Diego Norte. Igor parou de fumar e foi batizado em agosto de 1983.

Tornando-se membros da Igreja, foi mais fácil para Igor e Vesna adaptarem-se a seu novo estilo de vida. “Vir para um país estrangeiro é o mesmo que entrar no apartamento de outra pessoa com as luzes apagadas”, diz Igor. “Você tem medo de tropeçar nas coisas, enquanto procura o interruptor. Para nós, encontrar a Igreja foi como acender a luz.”

Igor e Vesna tocam na Sinfônica de San Diego, além de darem aulas particulares e recitais. Igor é primeiro violino da Orquestra de Câmara de San Diego, e Vesna é primeiro violino da Ópera de San Diego. Durante algum tempo, serviram em um chamado incomum na Igreja: ensinar música a crianças imigrantes do Ramo Sudeste Asiático, em sua estaca.

“Ensinando crianças de línguas tão diversas, temos grande necessidade do Espírito para nos comunicarmos com elas, e ele realmente nos ajuda”, afirma Vesna. “Em nossas classes acontecem milagres.”

Os dois músicos também servem como missionários de estaca, dando serões-concertos nos quais tocam seus instrumentos e falam sobre música e sobre o evangelho.

“Cremos que a música é um desses indizíveis dons nos quais o Espírito se manifesta em beleza e poder. É um assombroso instrumento missionário”, diz Vesna.

A despeito de sua intensa atividade Igor e Vesna gostam de usar seu talento para levar avanti a obra do Senhor. “É mais entusiasmante usar um talento no serviço do Senhor do que tocar na melhor sala de concertos”, afirma Igor. Por que? “Porque as pessoas estão lá para aprender a verdade e para adorar ao Senhor.” □

Agora, meus irmãos, vemos que Deus se lembra de todos os povos, estejam onde estiverem; ele conta o seu povo e suas entranhas de sua misericórdia cobrem toda a terra. Esta é a minha alegria e a minha gratidão: sim, darei graças a meu Deus para sempre. Amém.

Igor e Vesna prestaram testemunho com a escritura de Alma 26:37.

QUANDO SENTIR QUE ESTÁ SOZINHO

Não está sozinho



Fotografia de Weldon Anderson

A LIAHONA/OUTUBRO 87

Não temas: porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. II Reis 6: 16.

Você está numa festa e sua melhor amiga lhe oferece uma bebida.

"Vamos lá", diz ela, "uma cervejinha entre amigas não mata ninguém. Somos amigas, não somos?"

Uma noite você está na casa de uma amiga assistindo à televisão, e começa a passar um filme impróprio.

"Viva, esse filme é ótimo!" — diz sua amiga. "Vamos ver?"

É hora de prova, na escola. Você estudou bastante e tem confiança de que se sairá bem. Um de seus amigos não estudou, e precisa ter boa nota nesta prova, para passar de ano.

"Deixe-me copiar suas respostas antes de entregar a folha," cochicha ele. "Você sabe que eu preciso passar nesta prova."

Às vezes, você enfrentará situações em que terá de dizer não aos amigos, para não comprometer seus valores. Nesses casos, sua resposta poderá determinar o que eles sentem por você, e, mais importante ainda, como você se sente a respeito de si mesmo.

Nem sempre é fácil dizer não aos amigos, mas é possível fazê-lo e continuar amigo.

"Você Tem Que Pagar o Preço"

Veja como outros disseram não, sem perder os amigos.

Cathy Antonsson, de Helsingborg, Suécia, afirma que um não nem sempre é fácil ou agradável de dizer.

"É difícil. Não é fácil, mas você tem que pagar o preço daquilo que é. Muitas vezes chorei por ter de ficar em casa. Era difícil, porque tanta gente aqui não é religiosa."

Fui a Roma, por duas semanas, numa excursão da escola. Na Itália, sempre nos ofereciam vinho. Eles tomam vinho em quase todas as refeições, por isso muitas de minhas amigas me ofereciam vinho o tempo todo. Eu dizia sempre: — Obrigada, eu não bebo.

Minhas amigas gastaram muito dinheiro em bebidas. Toda vez que saíamos, eu guardava em minha bolsa a mesma quantia que elas gastavam com bebidas. Antes de partirmos, pude comprar um vestido bastante caro. Todas as minhas amigas ficaram muito surpresas quando o viram, e perguntaram: — Como é que você tem dinheiro para um vestido assim? — Eu lhes contei o que fizera, e que essa era uma das vantagens de não beber."

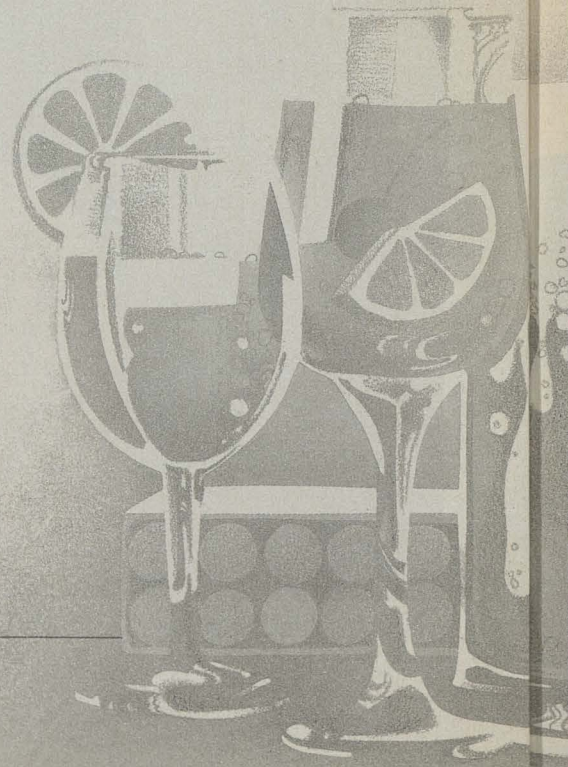
Apesar dos problemas, Cathy estava satisfeita de manter os padrões. "Depois de me formar no colegial, um rapaz com quem eu costumava sair contou-me que, quando começamos o curso, ele tomara por meta conseguir que eu quebrasse meus padrões, antes de nos formarmos. Disse-me que sempre o aborrecera o fato de eu ser tão direita. Mais tarde, como eu não transigi, afirmou-me que jamais respeitara tanto uma moça quanto a mim."

"Meu Senso de Humor Me Ajudou"

O senso de humor ajuda muitas pessoas a dizer não aos amigos. Brian Halverson, de Minneapolis, Minnesota, explica: "Meu senso de humor sempre me ajuda a sair de situações difíceis. Meus amigos nem sabem o que é um mórmon. Mas sabem quais são os meus padrões."

COMO DIZER NÃO

E CONSERVAR SEUS AMIGOS
Chris Crowe



Se a brincadeira não funcionava, eu costumava dizer: — Há coisas melhores para fazer neste momento. Realmente eu não me divertiria fazendo isso. — Sempre deu certo. Todos os meus amigos respeitavam minha religião.”

“Meus Amigos Respeitam Minhas Crenças”

Thomas Eberhardt é um dos únicos sete SUD que vivem em Muehlheim, Alemanha, uma cidade de três mil habitantes. Como muitos amigos de Thomas não são membros da Igreja, e a cerveja é uma bebida muito popular na Alemanha, ele tem tido muitas oportunidades de dizer não.

“Na Alemanha, bebe-se cerveja em todo lugar, a qualquer pretexto. Assim que você entra numa casa, eles lhe estendem um copo cheio de cerveja.

Primeiro, agradeço-lhes a oferta. Depois, digo-lhes que prefiro não beber cerveja, e explico o motivo. Pergunto-lhes se já ouviram falar em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, eles respondem que não, e eu falo um pouco a respeito da Igreja e da Palavra de Sabedoria. Meus amigos passam a respeitar minhas crenças, mas eu tenho que ser sempre positivo, não ofensivo.

Logo depois de ser batizado”, diz Thomas, “fui convocado para o exército alemão. Na Alemanha, todos os rapazes de dezenove anos devem servir no exército pelo menos quinze meses. Nós, soldados, vivíamos em grandes agrupamentos, e não podia evitar situações que conflitavam com os ensinamentos e mandamentos dos quais recentemente recebera testemunho.

Não demorou muito para que me oferecessem cigarros. Sempre procurei ser educado, agradecendo o oferecimento e dizendo-lhes depois que não fumava. Meus companheiros aceitavam o fato sem problema.

Contudo, fui convidado para a festa de aniversário de um amigo, e lá me ofereceram cerveja. Agradei e disse que não bebia. Meus companheiros tornaram-se mais agressivos com o correr da festa. Finalmente não tive outra saída senão explicar-lhes por que eu não bebia.

Levantei-me e disse a todos: — Obrigado pelo convite gentil para esta festa de aniversário. Agora quero dizer-lhes por que não bebo cerveja ou álcool. Como provavelmente já souberam, sou membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O Senhor ordenou-nos que não ingeríssemos álcool, e esta é a razão pela qual não bebo.

Depois disso, não tive mais problemas, pois ninguém voltou a me oferecer bebidas.”

“Eles Não Podem Transformar-me”

Allison Bowman, de Chandler, Arizona, explica seu modo de dizer não. “Eu não faço sermão, apenas digo não. Não se pode ser rude. Apenas faço com que saibam quais são meus padrões, e que é assim que eu sou. Eles não podem transformar-me.





Quando me mudei para o Arizona, havia alguns rapazes mais velhos em uma de minhas aulas, que queriam que eu faltasse à escola e fosse almoçar com eles. Respondi: — Não, não faço isso.

Costumavam convidar-me para sair em outras ocasiões, também. Toda vez que me convidavam, eu respondia: — Não, não posso sair com rapazes antes de fazer dezesseis anos. Devo ter explicado isso umas cem vezes. Mas agora eles cuidam que ninguém me importune. Somos todos bons amigos."

"Não É Bom para Minha Saúde"

Wilfredo Perez, um recém-converso de Cabo Rojo, Porto Rico, sempre teve muitos amigos.

"No dia em que me batizei na Igreja", diz ele, "muitos membros me disseram que talvez fosse perder alguns amigos. Fiquei imaginando por quê. Não conseguia ver em que o fato de ser um santo dos últimos dias afetaria minhas amizades.

Continuarei a sair com meus amigos, mas não mais falava ou fazia algumas coisas que costumava fazer antes de entrar para a Igreja. Às vezes, isso os deixava pouco à vontade. No início, foi difícil dizer não. Não queria magoá-los, nem queria que pensassem que eu não gostava mais deles.

Um de meus amigos convidou-me para uma festa de Ano Novo. Fui, e quando cheguei, ele me disse: — Wilfredo, venha beber todo o rum e cerveja que desejar.

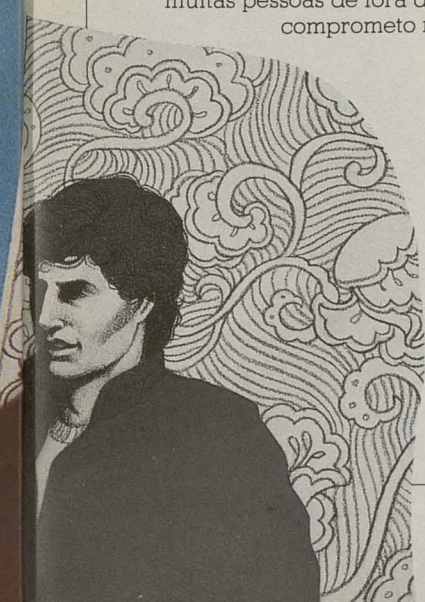
Respondi: — Não, obrigado. Não gosto de rum nem de cerveja, não fazem bem para minha saúde.

— Está bem — disse ele — aproveita a festa da forma que preferir. Assim, aproveitei a festa com meus amigos, mas não bebi nem fiz coisas que não devia."

"É Importante Ter Amigos Fora da Igreja"

Mark Ray, de Tempe, Arizona, diz que muitos de seus amigos não são santos dos últimos dias, mas não considera isto um problema.

"Acho que é importante ter amigos fora da Igreja, mas sem deixar que eles o influenciem. Convivo com muitas pessoas de fora da Igreja, mas não comprometo meus padrões.



Ao sair, eu realmente precisava decidir-me antecipadamente. Se um rapaz desejava fazer algo que eu sabia ser errado, tinha de ser muito firme e dizer não. E às vezes, depois disso, o rapaz não continuava meu amigo.

Uma vez estava indo para a Califórnia, numa viagem da escola, com alguns colegas. Naquela noite, quando chegamos ao quarto do hotel, eles me ofereceram cerveja. Eu disse: — Não, obrigado, — e sentei-me com eles. No início senti-me um pouco bobo, mas eles não me pressionaram.

"Muitos de meus amigos sabem que sou mórmon, o que evita que eu tenha que dizer não muitas vezes. Eles já conhecem meus padrões."

"Eu Realmente Precisei Decidir-me"

Michele Randria, de Mont de Marsan, França, mora numa cidade onde há pouquíssimos mórmons. Naturalmente, grande parte de seus amigos não são da Igreja.

"Em minha cidade natal, sou a única mórmon de minha idade. Felizmente, meu pai nunca fumou nem bebeu, embora não seja membro da Igreja, e assim, muitos de meus amigos sabem que eu não bebo e não fumo.

Sair com rapazes foi muito difícil", explica Michele. "Eu realmente precisava decidir-me antecipadamente. Mesmo assim, às vezes era muito difícil. Se um rapaz desejava fazer algo que eu sabia ser errado, tinha de ser muito firme e dizer não. E às vezes, depois disso, o rapaz não continuava meu amigo.

Descobri que é sempre mais fácil dizer: — Não, não posso sair com essa pessoa ou ir a esse lugar, — antes que o encontro aconteça. Se você sai com alguém, é realmente difícil dizer não. Às vezes, portanto, eu evitava a situação, evitando sair com a pessoa."

Como vocês vêem, nem sempre é fácil dizer não aos amigos, e não existe um método perfeito para livrar-se de uma situação difícil. Você não pode depender do que os outros fizeram; você mesmo precisa decidir-se, antecipadamente. Se estudar as escrituras, ouvir os conselhos do profeta e orar pedindo orientação, conseguirá as soluções que melhor lhe convêm.

"A chave", afirma Wilfredo Perez, "é procurar maneiras de dizer não que não façam com que seus amigos se considerem depreciados. Você não precisa perder os amigos só porque é mórmon", explica ele. "Agora, quando estou com meus amigos, eles não fumam, não bebem e não falam palavrão. Meus velhos amigos ainda são meus amigos, e agora tenho mais amigos do que nunca."

Allison Bowman explica: "Tomei a decisão, quando tinha sete anos de idade, de procurar com todas as minhas forças fazer o que é certo. Agora penso nas circunstâncias, antes de quaisquer decisões. Se fizer uma coisa errada, sei que terei de pagar o preço mais tarde."

E isso é a coisa mais importante de se lembrar, quando enfrentar situações difíceis perante os amigos. Decida antecipadamente em que você acredita, e quando o momento chegar, defenda aquilo em que crê.

Fazendo isso, poderá dizer não e ainda conservar os amigos, muitos amigos. □

MÚSICA

Um chilo melodioso é o único som que enche o ar pesado e úmido da noite. Pequenas rãs, comuns em Porto Rico e algumas ilhas próximas, parecem acrescentar seu doce canto ao maravilhoso evento que está prestes a ocorrer.

A música flutua pelas janelas abertas da igreja, onde se reúne uma grande multidão. As pessoas estão sentadas em silêncio, na expectativa, enquanto ventiladores colocados no teto giram preguiçosamente, movimentando as palmas que decoram o edifício.

Um movimento na frente do recinto quebra a tranqüilidade. Dois rapazes, vestidos de branco, descem os degraus que conduzem à pia batismal e olham um para o outro, sorrindo. Um braço é levantado. Mãos colocadas no lugar correto, e uma voz forte e jovem se eleva acima do som das pequenas rãs.

Um jovem é mergulhado na água pelo outro, e se levanta com um sorriso novo nos lábios. Esse sorriso se reflete no rosto de todos os que assistem. Mais um jovem, em Porto Rico, tomara sobre si o nome de Cristo.

Gerard Aquirre, dezoito anos, o mais novo membro da Ala de San Juan, conhece Pablo Chavez, de dezessete anos, há apenas algumas semanas; contudo, depois de participar de uma noite familiar com a família Chavez, parece que foram sempre irmãos. Foi muito natural pedir que Pablo o batizasse.

Pablo e Gerard são típicos jovens SUD de Porto Rico. A língua falada na ilha é o espanhol, mas todos estudam inglês na escola, e muitos falam fluentemente esse segundo idioma. Alguns, como Pablo, são

membros há anos, e até viajaram aos Estados Unidos para serem selados no templo a sua família. Outros, como Gerard, conheceram os

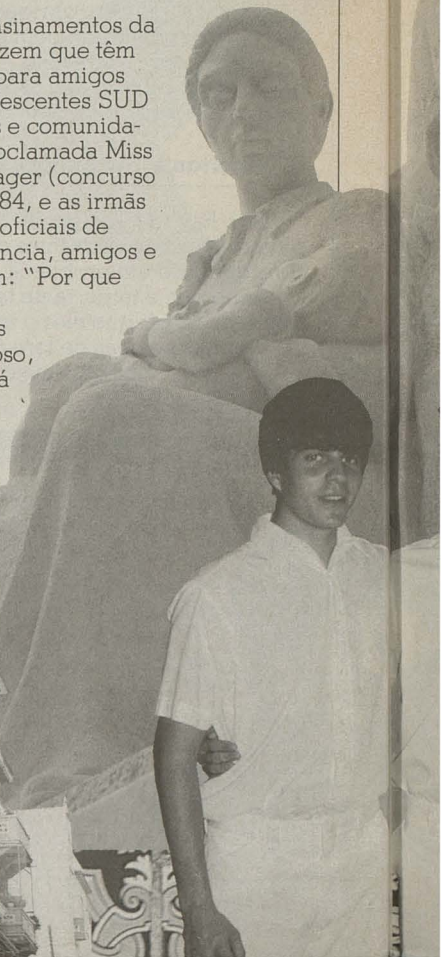
ensinamentos da Igreja apenas recentemente. Entretanto, sua vida e seu exemplo parecem acrescentar esplendor à cultura nativa, como o canto das rãs enriquece a noite.

A ilha de Porto Rico, comunidade dos Estados Unidos, situada entre o Oceano Atlântico e o mar do Caribe, aproximadamente mil e seiscentos quilômetros a sudeste da Flórida, recebeu seus primeiros missionários há cerca de quinze anos. Desde aí, a Igreja cresceu e floresceu nas praias tropicais da ilha, tendo atualmente três estacas e vários distritos. Nessas unidades, podemos encontrar jovens que se entusiasmam aprendendo e compartilhando o evangelho.

"O que me dá mais prazer na vida", diz Jeanette Morales, de quinze anos, presidente da classe das Meninas Moças da Ala de Trujillo Alto, "é viver o evangelho. Todos os ensinamentos me ajudam muito. Tudo parece ótimo quando sabemos que Deus vive, e que ele nos ama."

Jeanette e suas irmãs Lidi, de dezoito anos, e Dioni, de dezesseis, batizaram-se na Igreja com seus pais, cerca de cinco anos e meio atrás. "Entramos para a Igreja numa época importante", diz Lidi, que atualmente serve como primeira conselheira na presidência das Moças e dá aula numa classe de Abelhinhas. "Foi quando estávamos entrando na adolescência, a idade em que as tentações realmente começam."

Sendo obedientes aos ensinamentos da Igreja, as irmãs Morales dizem que têm podido servir de exemplo para amigos não-membros. Outros adolescentes SUD são líderes em suas escolas e comunidades. Belinda Berrios foi proclamada Miss Puerto Rico National Teenager (concurso entre adolescentes), em 1984, e as irmãs Morales têm servido como oficiais de várias classes. Com freqüência, amigos e professores lhes perguntam: "Por que vocês são tão diferentes?" Geralmente o interesse dos amigos é respeitoso e curioso, mas, em certas ocasiões, dá margem a chacotas e caçoadas.



N A N O I T E

Lisa A. Johnson

"Mas isso não nos envergonha", diz Dioni, primeira conselheira da classe das Lauréis e secretária do seminário. "Aproveitamos tais ocasiões para ensinar-lhes a verdade sobre a Igreja. Quando as pessoas percebem que não temos vergonha da Igreja, querem ouvir mais."

Embora nem todas as pessoas da ilha estejam familiarizadas com os ensinamentos da Igreja, muitas, pelo menos, têm conhecimento da Igreja por meio de seus comerciais de televisão.

Foi graças a esses comerciais, na verdade, que o recém-batizado Gerard ouviu falar da Igreja pela primeira vez. O jovem bonito e alto escreveu para o endereço que aparece na tela, perguntando se a Igreja tinha representantes em Porto Rico. Os missionários foram visitar Gerard, e logo ele estava recebendo as palestras.

"Quando ouvi a história de Joseph Smith", diz Gerard, "senti-me exatamente como ele. Eu também estava confuso, fui para um local onde cresce o cactus, encontrei um espaço plano e aberto, e pedi ao Senhor que me guiasse. Senti um espírito maravilhoso, o mesmo espírito como quando os missionários conversaram comigo. Nunca recebera muita instrução religiosa, mas uma vez que os élderes começaram a me ensinar, não levei muito tempo para compreender que esta é a verdade. Foi como se sempre a tivesse conhecido." Os missionários apresentaram Gerard a Pablo, ao seu irmão Mário, de quinze anos, e aos pais deles.

Gerard imediatamente se tornou parte da família. Isso não é incomum entre os membros da Igreja em Porto Rico. Adultos e adolescentes se misturam como se fossem todos os melhores amigos do mundo. Conversam com respeito afetoso, e, nas reuniões sociais, raramente se veem adolescentes separados dos adultos.

A família Chavez ficou muito feliz por poder ajudar a ensinar o evangelho a Gerard, e todos se sentiram extasiados, quando ouviram uma das primeiras coisas que Gerard perguntou, ao decidir batizar-se: "Posso ser missionário?" É uma pergunta que uma porção de jovens leva muito a sério em Porto Rico. Pablo tem trabalhado arduamente na loja de molduras do pai, nos últimos anos, para ganhar dinheiro para a missão. Com dezessete anos, ele quase atingiu sua meta. Ao chegar o momento de servir, também estará preparado em outros sentidos.

Os líderes da ala que trabalham com os jovens, salientam tanto a preparação espiritual quanto a temporal para a obra missionária, e reservaram um período de duas horas, no terceiro domingo de cada mês, para instruir os rapazes em culinária e nutrição, aparência pessoal, manutenção de

Fotografia de Janet Thomas e Lisa Johnson



bicicletas e carros, costura e etiqueta. Nesse período, também são incluídos discursos de missionários e líderes da ala.

Como os adolescentes SUD de todo o mundo, os jovens porto-riquenhos gostam muito de "shows ambulantes", e todos os anos esperam ansiosamente a conferência de jovens. Estão também profundamente envolvidos nos torneios esportivos da estaca, especialmente volibol e basquete. Os programas de escotismo estão começando agora, e concursos de oratória, serões e devocionais ao nascer do sol, são atividades regulares. Uma das vantagens de se viver em Porto Rico é que diversas atividades podem ser realizadas na praia, que nunca fica muito longe. Eles também se envolvem em vários projetos de serviço.

Pode parecer fácil morar em Porto Rico, mas os jovens de lá também têm seus problemas. A pressão dos amigos, contudo, que muitos adolescentes afirmam ser o pior de todos os problemas, não é a principal preocupação dos jovens porto-riquenhos. "Procuramos amigos que acreditam no que cremos, e eles realmente não nos pressionam muito", diz Lidi, dando eco aos sentimentos de muitos de seus amigos SUD.

O verdadeiro problema, concorda a maioria dos jovens da ilha, é a pressão exercida pelo mundo em geral. "Hoje o mundo diz que, para ser considerado

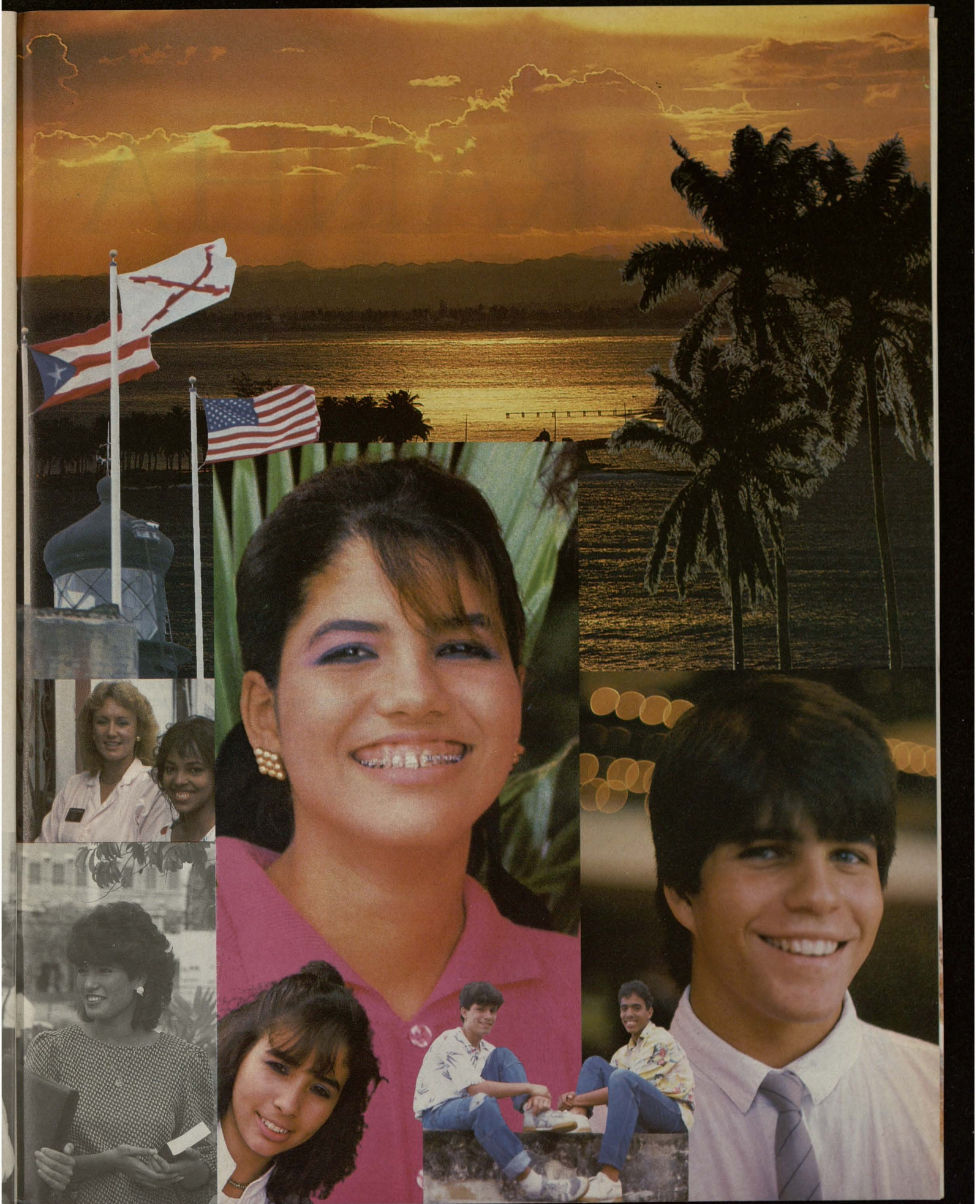
esperto, você tem que ser duro, tem que ser rico, tem que fazer as coisas que são moralmente erradas", comenta Pablo. Seu irmão Mário concorda, acrescentando: "Para qualquer lado que se olha, há pessoas incentivando-o a fazer aquilo que é contra os ensinamentos da Igreja." Ambos os rapazes afirmam que as atividades e os programas da Igreja, como noite familiar e estudo pessoal das escrituras, os ajudam a conservar suas prioridades na linha.

Os jovens usam os ensinamentos da Igreja para fortalecer-se contra as influências mundanas, assim como seus antepassados espanhóis usaram a ilha para fortalecer seus domínios no novo mundo. Porto Rico, como indica o próprio nome, era um ponto estratégico do império espanhol no Caribe. Ao longo da faixa costeira da ilha, existem fortes majestosos, e entre suas espessas paredes os espanhóis se protegiam dos piratas invasores.

Hoje, jovens dedicados ajudam a fazer de Porto Rico uma fortaleza da Igreja. Geograficamente falando, a ilha não é grande. Mas a voz dos jovens santos dos últimos dias em Porto Rico é como o canto das rãs. Embora as pequeninas rãs nativas meçam cinco centímetros no máximo, sua música doce e clara acrescenta uma paz melodiosa à noite. □



PORTO RICO



A ARANHA

David Brinley Ninguém mais deve ter notado. Era estranho que eu a tivesse percebido. No meio do vestibulo cheio de animados membros japoneses, que se dirigiam à Escola Dominical, a minúscula aranha era realmente insignificante. Aparecera primeiramente saindo de sob o aquecedor de parede, uma pequenina mancha marrom, movendo-se vagarosamente em direção ao centro do saquão. Quando seus cuidadosos esforços a tinham feito progredir cerca de um metro, a maioria dos membros já chegara e conversava no vestibulo, antes do início da reunião.

Meu primeiro impulso foi empurrá-la de volta para baixo do aquecedor. Esta idéia foi seguida pelo pensamento mais infantil de pisar nela. Felizmente para a aranha, a crueldade foi rapidamente substituída pela curiosidade. O tempo de vida do inseto parecia ser limitado, especialmente na medida em que ele continuava a avançar naquela direção. Fiquei tão fascinado, que não conseguia mover-me, observando a aranha e imaginando como terminaria: aquele inevitável, acidental pisão.

Jamais entendi como o Irmão Tashiro, presidente do distrito, a viu. Ele estava obviamente atrasado, atravessando rapidamente a porta a caminho de outra reunião, com a pasta na mão, gravador e projetor de "slides" precariamente suspensos sob o braço oposto. Sua mente se

encontrava, indubitavelmente, cheia com as responsabilidades de dirigir um distrito de missão; contudo, ele, também, de alguma forma divisou a pequenina aranha no meio da multidão. Parando imediatamente, colocou de lado sua carga e, desculpando-se, abriu caminho no meio do povo, abaixou-se e, gentilmente, apanhou a aranha na palma da mão. Depois, levou-a para fora, deixando-a num ambiente mais hospitaleiro. Como se mal tivesse consciência da interrupção, correu para a reunião que o esperava.

Foi tão simples, um ato tão natural para aquele servo do senhor! E então uma analogia maravilhosa descortinou-se diante de mim. Em minha mente, vi o Salvador, abaixando-se do complexo trabalho de criar mundos sem fim, para, pessoalmente, ensinar, exortar e sacrificar-se pelo bem de uma raça humana inconsciente, uma mancha aparentemente insignificante nos corredores intermináveis da eternidade. Com devoção divina, ele tirou o homem de uma perdição segura, transportando-o para um ambiente de liberdade e oportunidade, onde poderia viver e progredir.

Pensei em todos os milhares de japoneses que ainda não tinham consciência do grande amor do Salvador, pessoas que me cabia ensinar. Uma nova resolução encheu-me o peito, enquanto corria para minha aula da Escola Dominical. Na próxima vez, decidi, eu salvaria a aranha. □



Foto por David Quinney Junior

Eu estava de pé, na plataforma da estação ferroviária, com lágrimas correndo pelo rosto. Ia deixar meu lar galês, trocando-o por um novo modo de vida na Universidade Brigham Young, em Utah. Minha bagagem já havia sido colocada no trem, e só faltava despedir-me de meu pai. Abraçamo-nos com força, durante alguns segundos. Ele abaixou a cabeça e sussurrou em meu ouvido: "Tudo vai dar certo. Tenho fé em você." Depois, empurrou-me gentilmente em direção ao trem.

Quando seu aceno e sua figura alta desapareceram lentamente de minha vista, senti um grande vazio dentro de mim. Parecia-me estar abandonada e sozinha. Olhei pela janela, contemplando os familiares campos verdes, as sebes, as casas de pedra cinzenta que iam sumindo aos poucos. O burburinho das passageiras conversando e o farfalhar de folhas de jornal perderam-se em lembranças de

minha infância, de momentos especiais que passara com meu pai...

Ele estava de pé, na ponte balouçante, com meu irmão de dois anos nas costas. "Venha, Sian. Segure minha mão e atravessaremos juntos." Sua voz procurava infundir-me confiança, mas meus joelhos tremiam. Eu estava com medo. De onde me encontrava, podia divisar a ponte de cordas esticando-se com o peso das pessoas que a atravessavam. Ouvia o estalar das cordas acima do estrondo das águas torrenciais na ravina profunda. Meu conhecimento de engenharia era muito limitado naquela época, mas estava convencida de que a ponte era perigosa. Tremia de medo e dei um passo para trás.

COMO APRENDER, Sian Bessey A TER FÉ



Ilustração de Scott Snow

"Sian", a voz de meu pai era suave mas insistente, "olhe para mim". Olhei para seu rosto forte e vigilante. "Confie em mim. Não há perigo para você." Estendeu-me a mão. Olhei-o nos olhos e dei o primeiro passo na ponte balouçante. Ela gemeu e deixei escapar um pequeno soluço. Meu pai segurou firmemente minha mão e começou a avançar. Agarrei-me a ele e, de repente, senti que tudo ia dar certo.

Muitas vezes colocara minha confiança naquelas mãos grandes. E, com freqüência, observara seu sorriso terno diante de meu entusiasmo causado por uma nova aventura ou conquista.

Era assim que ele estava, quando atingi o pico do Monte Snowdon, a montanha mais alta da Inglaterra ou do País de Gales. A velha trilha de mineiro, na encosta da montanha, era coberta de pedras soltas que se moviam sob nossos pés ao caminharmos. As pedras cinzentas e ásperas e os pedregulhos espalhados, formavam um forte contraste com o céu azul e as nuvens brancas. Ocasionalmente, passávamos por uma ovelhinha perdida em busca de uma área para pastar. Esses intrépidos animais estavam tão acostumados a transeuntes humanos, que mal nos notavam.

Não demorou muito para que minhas pernas curtas comessem a doer de cansaço. O caminho cinzento parecia interminável. "Vamos lá, Sian, você é capaz",

incentivava-me papai, colocando-me sobre os ombros. A caminhada tornou-se mais difícil para ele, mas ajudou a reanimar-me. Passamos por muros de pedra desmoronados, que haviam sido construídos por um pastor já esquecido. À distância, pareciam grandes cicatrizes na encosta da montanha.

Finalmente chegamos à subida final. Papai segurou minha mão com firmeza, enquanto percorríamos a última etapa. Ao chegarmos, sentamo-nos quase sem fôlego. Olhei ao meu redor. Lá embaixo, podia ver pessoas se movimentando, como formigas multicoloridas. Tão longe quanto a vista podia alcançar, viam-se cumes de montanhas, vales profundos, e, à distância, o clarão azul do Mar do Norte. Olhei em torno maravilhada, depois ri com entusiasmo.

"Conseguimos, papai. Alcançamos o pico!" Olhei para ele e a expressão de seus olhos, naquele momento, era um reflexo do meu olhar. Dizia eu a amo, tenho fé em você, sei que conseguirá fazer tudo o que quiser.

Nos cantos distantes de minha mente consciente, eu ouvia o som ritmado do trem correndo nos trilhos, mas meus pensamentos permaneceram distantes. Percebi, com um sentimento de pasmo cada vez maior, que, enquanto crescera, um laço eterno se fora desenvolvendo entre mim e meu pai. Meus temores infantis e minha fé em seu conhecimento aparentemente infinito, haviam-se

transformado num relacionamento de amor e confiança cada vez mais compartilhado, à medida que eu amadurecia e adquiria experiência.

Esta idéia me pareceu familiar, de alguma forma. Poderia ser assim que se desenvolvera minha relação com meu Pai Celestial? Como minha infância mortal, talvez minha vida pré-mortal tenha sido um tempo em que se edificou a minha fé e confiança no Pai. Apreendi tudo o que me foi possível, enquanto estávamos juntos, e depois parti do meu lar celestial com o conhecimento de que meu Pai Celeste tem fé em mim e em meu potencial para o bem, nessa nova fase de minha vida.

Ao meditar nessas idéias, um calor maravilhoso tomou conta de mim. Vagarosamente substituí o vazio que sentira ao deixar meu pai na plataforma. Sabia que, por mais longe de meus pais terrenos que me encontrasse, um dia eu retornaria, sentindo a mesma proximidade e confiança que compartilháramos antes.

Mais importante ainda, compreendi que esse mesmo laço existe entre mim e meus pais celestes. À medida que minha fé e confiança no Pai Celestial aumentar, também aumentará sua fé e confiança em mim. Ele sempre estará ao meu alcance para ajudar-me, bastando que eu o chame, e, um dia, se minha fé permanecer forte, poderei voltar a viver com ele, sentindo essa unidade eternamente. □

SEÇÃO INFANTIL



Ilustração de Jeanne Hansen



JESUS ENSINA A RESPEITO DA FÉ

Certo dia, depois de ensinar o povo, Jesus e seus discípulos entraram num barco, com a intenção de cruzar o Mar da Galiléia. Jesus, cansado, acomodou-se na parte de trás do barco, deitou-se e adormeceu.

Enquanto o barco deslisava na água, uma tempestade terrível se formou. Nuvens escuras encheram o céu; o vento e as ondas batiam contra a embarcação, atirando-a selvagemente

para lá e para cá. Jesus continuava dormindo. A água cobriu o barco, e os discípulos ficaram aterrorizados, pois sabiam que estavam passando por um grande perigo. Então, lembraram-se dos milagres que Jesus havia realizado e acordaram-no dizendo: "Salva-nos, Senhor, que estamos perecendo."

Jesus lhes perguntou: "Por que temeis?"

Então ele se levantou e, olhando através da escuridão da noite, para o mar tempestuoso, calmamente ordenou: "Cala-te, aquietate."

O vento parou. O mar se acalmou. As ondas batiam suavemente contra os lados do barco de madeira. Virando-se para os discípulos, Jesus perguntou gentilmente: "Onde está a vossa fé?"

Os homens se admiraram:

"Que homem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?"

Os discípulos

não tinham fé suficiente para fazer parar a tempestade, mas tinham fé em Jesus. Sabiam que ele podia salvá-los da terrível tempestade, como de fato o fez.

Em outra ocasião, enquanto Jesus orava nas montanhas, seus apóstolos navegavam pelo Mar da Galiléia. Durante a noite, levantou-se uma tempestade. O vento soprou fortemente, e os apóstolos não conseguiam usar as velas. As águas turbulentas e o vento feroz dificultavam a travessia, embora alguns dos discípulos

fossem pescadores fortes e experientes; eles não conseguiram remar mais que uma pequena distância. Batalhando contra a tempestade, compreenderam que estavam em grande perigo.

Enquanto orava no monte, Jesus sentiu que eles estavam em perigo e foi ajudá-los.

Enquanto lutavam no escuro contra a tempestade, os apóstolos subitamente viram uma pessoa que andava sobre a água. De início, ficaram com medo que fosse um espírito mau.

Então a voz calma e familiar de Jesus se fez ouvir: "Tende ânimo; sou eu; não temais."

Quando eles viram que era Jesus, perderam o medo, pois sabiam que ele tinha vindo para ajudá-los.

Pedro perguntou: "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo sobre as águas."

"Vem", respondeu Jesus.

Pedro desceu do barco e começou a ir ao encontro de Jesus. Sua fé ajudou-o a andar sobre a água tão facilmente como se estivesse em terra seca, mas, quando o vento forte soprou à sua volta e as ondas do mar se levantaram e caíram sobre ele, sua fé enfraqueceu e ele ficou com medo. Tão logo Pedro começou a duvidar, afundou no mar.

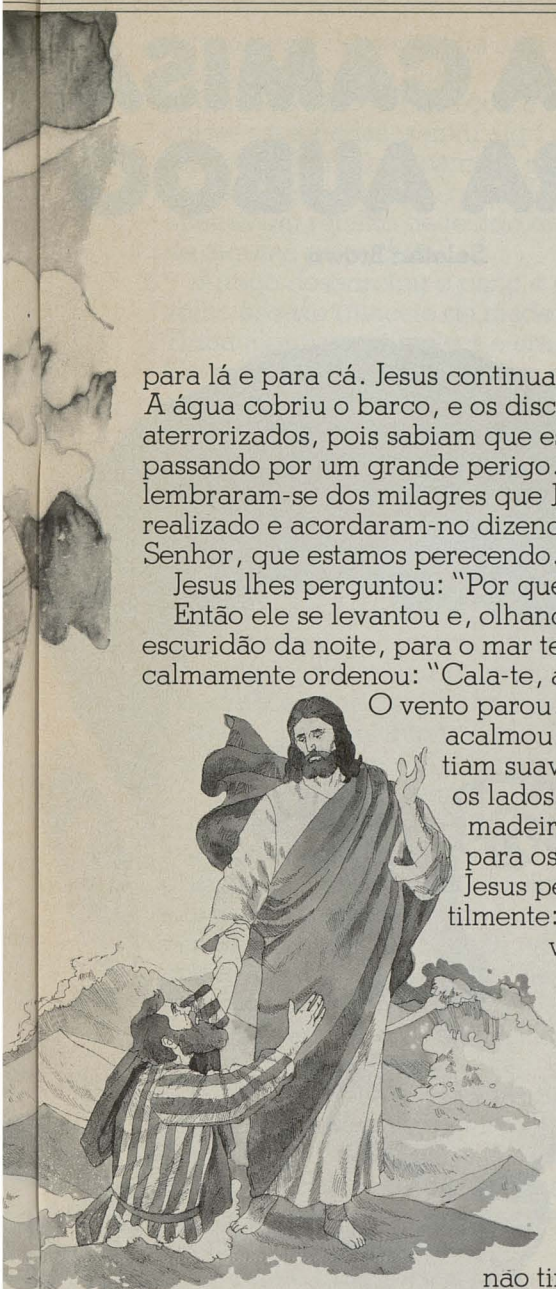
"Senhor, salva-me!" gritou ele para Jesus.

Jesus imediatamente estendeu a mão e socorreu a Pedro. "Homem de pouca fé, por que duvidaste?"

Então, tomando Pedro pela mão, Jesus andou até o barco. Quando entraram nele, o vento violento parou de soprar e o mar se acalmou.

Os apóstolos adoraram Jesus, dizendo: "Verdadeiramente tu és o Filho de Deus." □

Estas histórias se encontram em Mateus 8:23-27; 14:22-23; Marcos 4:35-41; Lucas 8:22-25; João 6:16-21. (Ver também Histórias das Escrituras, pp. 99, 101-102.)



Auboo vinha caminhando pela estrada poeirenta de Uganda havia mais de uma hora. A poeira vermelha, aquecida pelo quente sol africano, fazia arder seus pés descalços. Geralmente não me incomoda com a poeira ou a caminhada, pensava Auboo, ao arrastar o pé no chão batido, mas hoje estou tão desanimado!

Suspirou aliviado ao entrar no caminho que levava à sua casa e donde podia ver sua mãe em frente da cabana de sapé. Estava inclinada junto a uma fogueira. Naquela manhã, quando saíra para matricular-se na nova escola, mamãe havia sorrido e lhe dera umas palmadinhas no ombro. "Você vai aprender com os livros que falam" dissera ela, animando-o.

— Vamos, apresse-se, Auboo — chamou a mãe. — O peixe está pronto. — Calado, ele pegou o peixe que ela lhe estendeu, e, sentando-se num tronco, começou a comer vagarosamente.

A mãe olhou-o fixamente. — Você não comeu nada desde hoje pela manhã e ainda assim está mordiscando? — perguntou.

— Afinal, não poderei ir à escola. — As lágrimas presas embargaram-lhe a voz.

— Mas, por quê? — perguntou a mãe, sentando-se a seu lado.

— Porque — respondeu Auboo, — o professor disse que eu tenho que usar uma camisa para ir à escola e não tenho camisa.

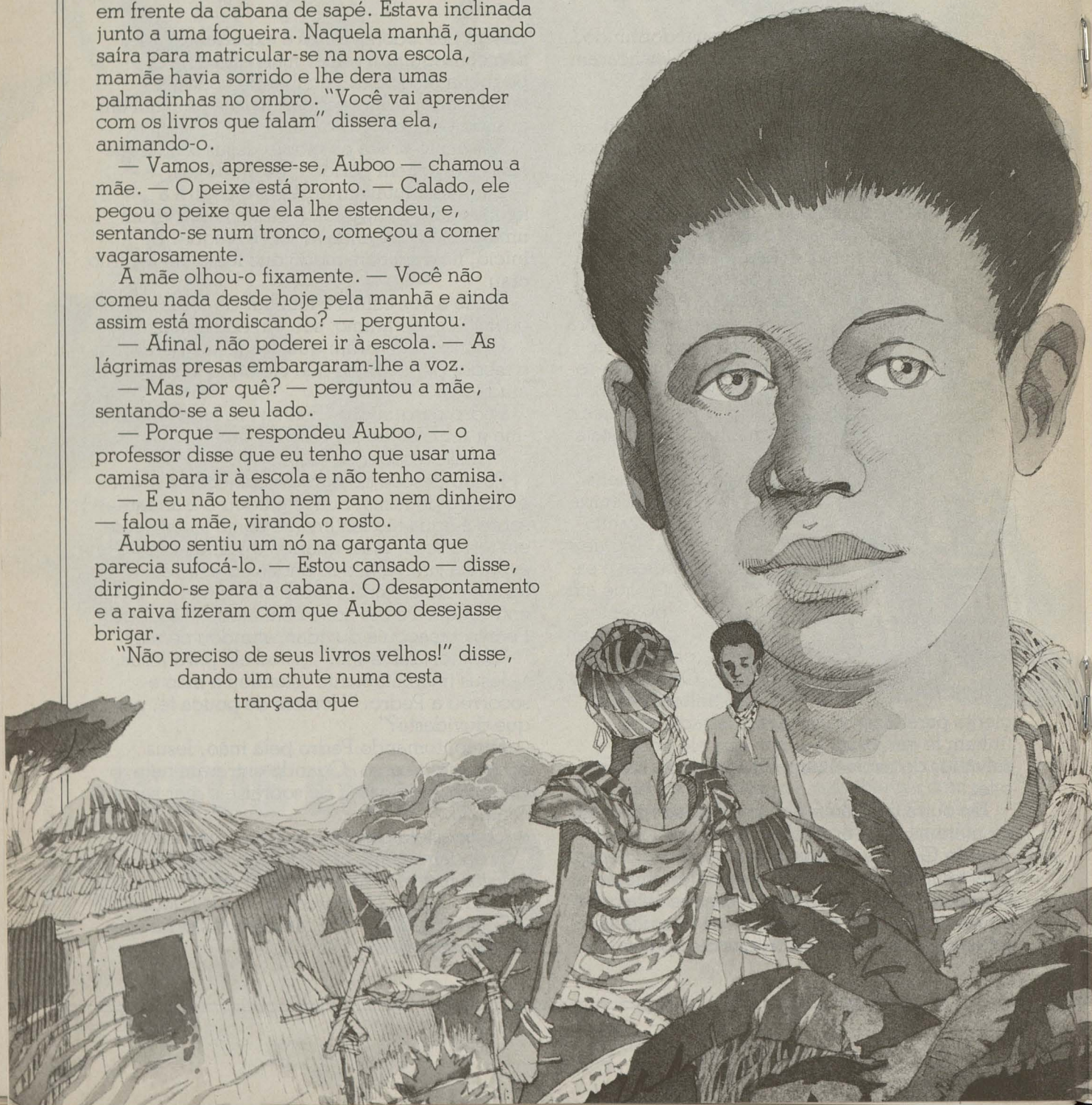
— E eu não tenho nem pano nem dinheiro — falou a mãe, virando o rosto.

Auboo sentiu um nó na garganta que parecia sufocá-lo. — Estou cansado — disse, dirigindo-se para a cabana. O desapontamento e a raiva fizeram com que Auboo desejasse brigar.

"Não preciso de seus livros velhos!" disse, dando um chute numa cesta trançada que

UMA CAMISA PARA AUBOO

Seletha Brown



estava perto da porta. Ela rolou, espalhando seu conteúdo pelo chão.

Quando Auboo começou a recolher as coisas espalhadas, sentiu algo macio. Talvez seja pano para uma camisa, pensou com uma centelha de animação no peito. Mas era apenas um retalho de tecido enrolado em volta de alguma coisa dura.

Auboo desenrolou o pano e encontrou um velho *esaaka* (macete de madeira) dentro dele. Tinha alguns centímetros e era muito pesado. Correu os dedos pelas bordas de sulcos afiados e lembranças lhe vieram à mente.

“O velho *esaaka* de vovô”, sussurrou.

Há muito tempo atrás, lembrou-se, vovô batia repetidamente em alguma coisa com este macete, até que aquilo se tornava muito parecido com este pano que tenho nas mãos.

— Mamãe, mamãe — chamou. — Em que é que o vovô batia para fazer este pano?

— Era na casca interna de uma velha figueira — disse ela, olhando para o pano. Seus olhos começaram repentinamente a brilhar com mais intensidade, à medida que compreendia o que Auboo havia descoberto.

— Sim, mamãe, lembro-me agora! Era tirada das árvores que estão perto da cerca.

Auboo correu até as árvores e examinou a primeira que alcançou. — Olhe, aqui estão as marcas do lugar onde vovô cortava a casca velha! — gritou. — Mamãe, você quer ajudar-me a cortar a casca e bater nela até transformar-se em pano?

Mamãe estava agora a seu lado, olhando para a árvore.

— Sim, lembro-me de como seu avô costumava fazê-lo. Primeiro, precisamos cortar em volta do tronco e tirar a casca externa. Então, precisamos levantar a camada interior esponjosa e começar a bater nela. Mas, isto é um trabalho muito duro.

— Tenho braços bem fortes — disse Auboo com orgulho. Então ele e a mãe cortaram e raspam a casca velha, trabalhando até que surgissem as estrelas.

Na manhã seguinte, Auboo levantou-se cedo e cortou profundamente em volta do tronco, logo acima de sua cabeça, fazendo um outro talho à altura do joelho. Daí, com as facas, ele e mamãe soltaram a camada interior e a colocaram em cima de um pesado tronco que se encontrava perto da entrada da casa.

— Agora, — disse a mãe — enquanto você bate, preciso enrolar o tronco da árvore em folhas frescas de bananeira, para protegê-lo do sol. Hoje à noite, trarei barro do rio e grudarei sobre as folhas. Uma nova casca nascerá na árvore e ela ficará forte novamente.

Com a casca atravessada sobre o tronco, Auboo pegou a *esaaka* e começou a bater. À medida que as bordas finas do macete batiam contra a casca, ela começou a achatar e espalhar-se. Depois de algum tempo, a casca já havia dobrado seu tamanho original, mas ainda não estava suficientemente grande para uma camisa.

Auboo parou para esfregar os ombros e o braço dolorido, depois recomeçou a bater. Quando a noitinha se aproximava, a mãe disse: — Já é bastante! Embrulhe a casca em folhas frescas de bananeira e ela se conservará macia. Amanhã, cada um de nós segurará uma extremidade e puxaremos, a fim de esticá-la. Então, com mais batidas, ela ficará cinco vezes maior do que quando você começou.

— O suficiente para uma camisa?

— Sim, o bastante para uma camisa, e feita do mesmo tecido que era usado por nossos reis — disse a mãe com orgulho.

— Você está brincando, mamãe!

— É verdade. Há muito, muito tempo, só se permitia aos reis usar pano feito de casca de árvore.

Auboo embrulhou cuidadosamente seu tecido de casca de árvore nas folhas. “Já está começando a parecer pano”, pensou.

Auboo colocou seu tesouro ao lado da cama rústica, onde ficaria em segurança durante a noite. Ele sorriu ao pensar na ida para a escola e em todos os livros que iria ler. □

Ilustração de Mike Eagle

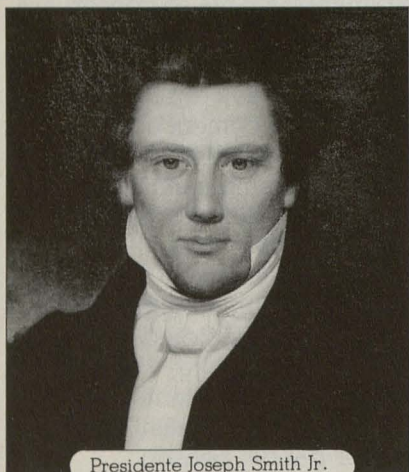
QUEM É ESTE PROFETA?

Jennavee Allgrunn

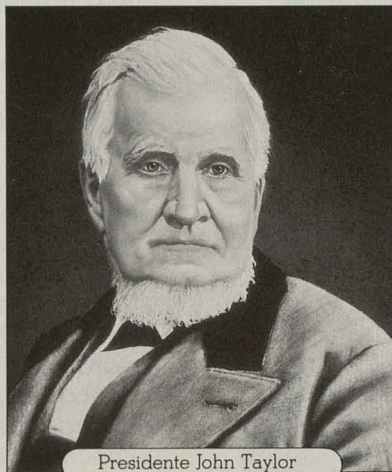
- 1 Nasceu a 8 de setembro de 1873. Era professor. Cumpriu missão na Escócia. Disse que "todo membro é um missionário".
- 2 Nasceu a 22 de novembro de 1856. Aprendeu a atirar uma bola treinando durante horas, sem jamais desistir. Abriu a primeira missão no Japão. Foi o primeiro profeta a falar num programa de rádio.

- 3 Nasceu a 23 de dezembro de 1805. Foi o primeiro profeta nos últimos dias. Viu Deus, o Pai, e Jesus Cristo, no Bosque Sagrado. Deu a vida pelo evangelho.
- 4 Nasceu a 3 de abril de 1814. Foi um dos primeiros missionários a pregar o evangelho na Itália. Incentivou os membros da Igreja a pagarem o dízimo integral. Foi o quinto presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

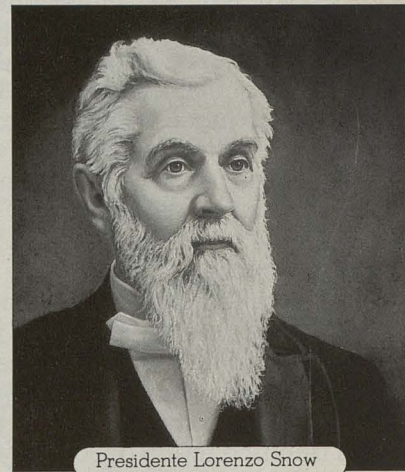
- 5 Nasceu a 4 de agosto de 1899. Convidou um presidente dos Estados Unidos da América para uma noite familiar. Viajou pela Europa, após a II Guerra Mundial, ajudando os necessitados. Recebeu o nome do bisavô, um apóstolo nos primeiros tempos da Igreja.
- 6 Nasceu a 11 de novembro de 1808. Esteve com Joseph Smith na Cadeia de Carthage. Foi salvo da morte por um relógio de bolso. Era presidente da Igreja, quando a Primária foi organizada. □



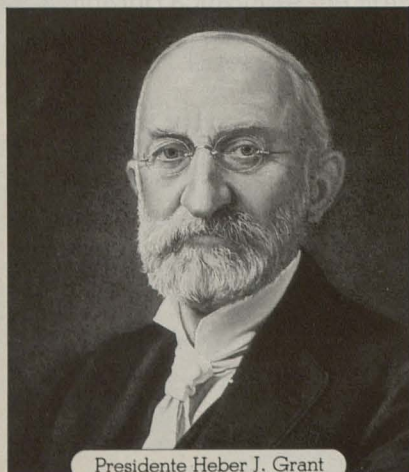
Presidente Joseph Smith Jr.



Presidente John Taylor



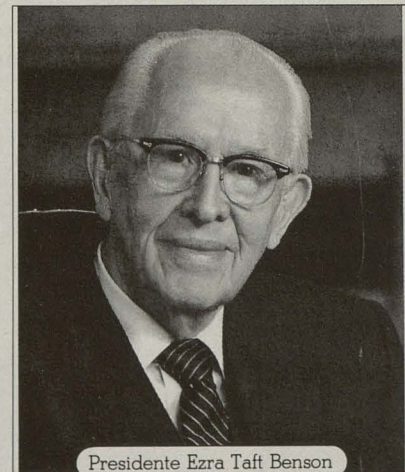
Presidente Lorenzo Snow



Presidente Heber J. Grant



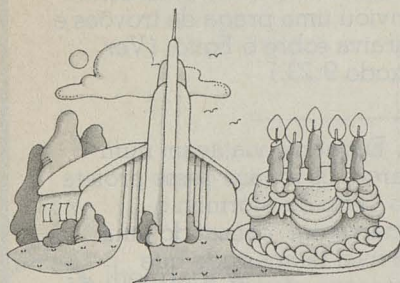
Presidente David O. McKay



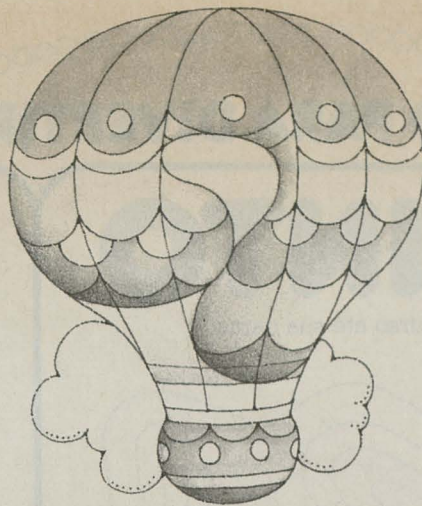
Presidente Ezra Taft Benson

O QUE VOCÊ FARIA?

Há ocasiões em que precisamos defender aquilo em que acreditamos. Alguns de nós já fizemos isso. Faça o teste a seguir, para ver como pode ajudar seus amigos, sendo o melhor exemplo de um bom santo dos últimos dias.



1. Você é convidado para o aniversário de um amigo, no domingo. A festa vai ser muito divertida. Você quer ir, mas a festa será no mesmo horário das reuniões da Igreja. O que faria?
 - a. Enviaria um presente de aniversário ao amigo ou lhe daria os parabéns, explicando-lhe que gostaria muito de ir ao seu aniversário, mas que precisa respeitar o Dia do Senhor.
 - b. Diria ao seu amigo que ele está desrespeitando o Dia do Senhor e não deveria dar uma festa no domingo.
 - c. Iria à festa.



2. Você está com um grupo de amigos na escola. Eles não sabem a que igreja você pertence, e fazem alguns comentários falsos sobre nossa igreja. O que você faria?
 - a. Ficaria envergonhado e não diria nada.
 - b. Diria que é um santo dos últimos dias, e acha que eles estão mal informados. Perguntaria se eles realmente teriam interesse em saber a verdade a respeito das crenças dos mórmons. Se seus amigos estivessem interessados, pediria aos seus pais que providenciassem uma visita dos missionários.



3. Seus amigos o convidaram para assistir a um filme que seus pais acham que não é próprio para você. Os pais deles não se importam. O

que você faria?

- a. Diria aos amigos que seus pais são muito severos e que não deixam você ir.
- b. Diria aos amigos que o filme não presta e que os pais deles deviam ter mais cuidado em relação aos filmes a que seus filhos assistem.
- c. Diria aos amigos que soube que o filme não era próprio para crianças e que você prefere fazer outra coisa. Sugeriria alguns outros filmes que eles poderiam ver.



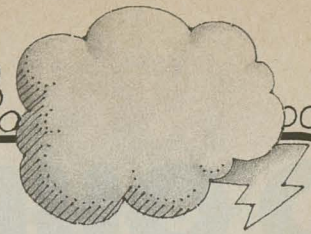
4. Você está numa festa e seus amigos começam a contar histórias e piadas impróprias. O que faria?
 - a. Ouviria e riria com seus amigos, para que eles pensassem que aprecia as histórias.
 - b. Mudaria de assunto ou sugeriria um jogo divertido.
 - c. Diria que vai sair da sala, e que se eles continuarem contando esse tipo de histórias, você vai telefonar para seus pais e pedir que venham buscá-lo.

O QUE VOCÊ FARIA?

Se escolheu estas respostas: 1.a, 2.b, 3.c, 4.b, você tem convicções muito fortes, sabe defender aquilo em que acredita sem magoar as outras pessoas, e pode ser um bom missionário pelo seu exemplo.

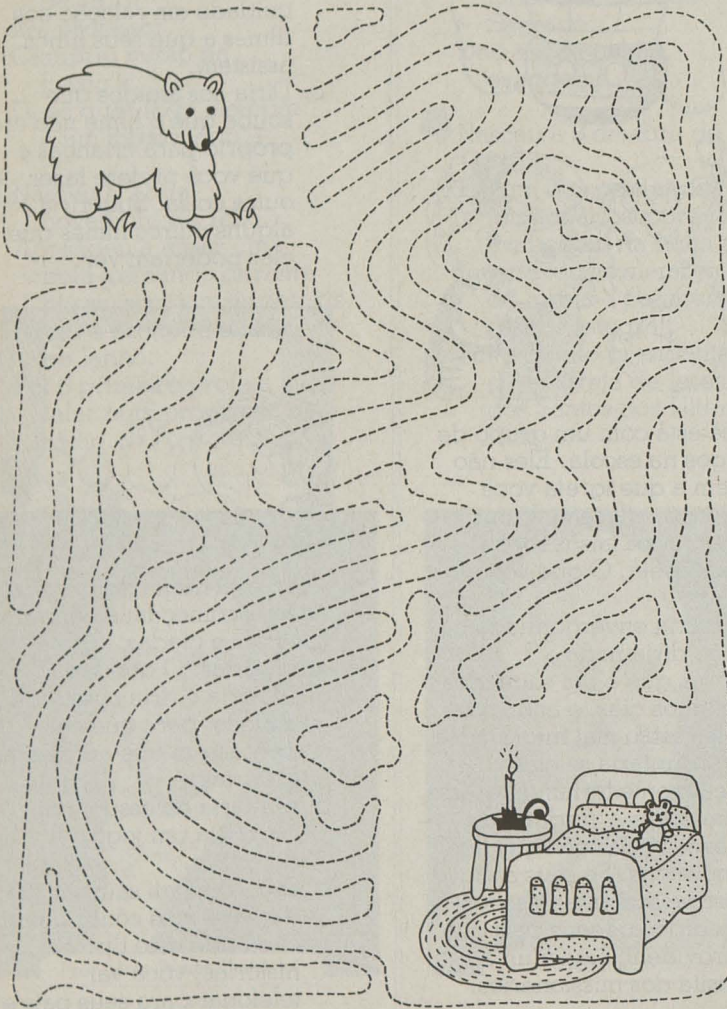


SÓ PARA DIVERTIR



LABIRINTO

Encontre o caminho para levar o urso até sua cama.
Colleen Fahy



PROFETAS E O TEMPO

Susan Meeks

Nas escrituras, encontramos histórias de profetas que enfrentaram condições atmosféricas incomuns. Você sabe os nomes dos profetas aqui descritos?

1. Durante o reinado do iníquo Rei Acabe, as orações desse profeta do Velho Testamento impediram que chovesse durante três anos e meio. (Ver I Reis 17:1.)
2. Quando o Faraó se recusou a libertar os israelitas, esse profeta do Velho Testamento enviou uma praga de trovões e chuva sobre o Egito. (Ver Êxodo 9:23.)
3. Enquanto viajavam num barco, os irmãos desse profeta do Livro de Mórmon o amarraram, causando uma terrível tempestade que ameaçou afundá-los todos. (Ver 1 Néfi 18:10-15.)



PROCURE O PAR

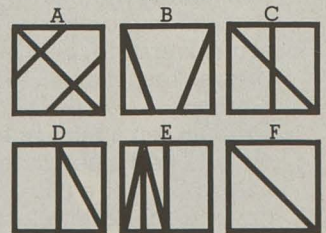
Procure as duas meninas iguais.
Roberta L. Fairall



CONTE AS FORMAS

Rich Latta

1. Que desenho tem 5 triângulos, 5 retângulos e 1 quadrado?
2. Que desenho tem 4 triângulos, 2 retângulos e 1 quadrado?



Olhei para ver a expressão nos olhos de meu pai e naquele momento, era um reflexo do meu olhar.

Dizia eu a amo, tenho fé em você, sei que conseguirá fazer tudo o que quiser.





W. Kelly Price 1897